



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS V

CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS

DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

LAÍS HELENA FERNANDES TAVARES DE FARIAS

**DIPLOMACIA BOLSONARISTA: UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA DA
ULTRADIREITA NA POLÍTICA EXTERNA DE JAIR BOLSONARO (2019-2022)**

JOÃO PESSOA

2024

LAÍS HELENA FERNANDES TAVARES DE FARIAS

**DIPLOMACIA BOLSONARISTA: UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA DA
ULTRADIREITA NA POLÍTICA EXTERNA DE JAIR BOLSONARO (2019-2022)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Departamento do Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharelado em Relações Internacionais. Área de concentração: Política internacional, Política externa brasileira.

Orientadora: Profa. Dra. Anna Beatriz Leite Henriques de Lucena

JOÃO PESSOA

2024

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F224d Farias, Lais Helena Fernandes Tavares de.
Diplomacia bolsonarista: [manuscrito] : um estudo sobre a influência da ultradireita na política externa de Jair Bolsonaro (2019-2022) / Lais Helena Fernandes Tavares de Farias. - 2024.

82 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2024.

"Orientação : Profa. Dra. Anna Beatriz Leite Henriques de Lucena, Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA. "

1. Política externa brasileira. 2. Ultradireita. 3. Bolsonarismo. 4. Onda Marrom. 5. Conexões Ideológicas. I. Título

21. ed. CDD 324.72

LAÍS HELENA FERNANDES TAVARES DE FARIAS

DIPLOMACIA BOLSONARISTA: um estudo sobre a influência da ultradireita na política externa de Jair Bolsonaro (2019-2022)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Aprovado em: 27/06/2024

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 ANNA BEATRIZ LEITE HENRIQUES DE LUCENA
Data: 27/06/2024 18:54:51-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Anna Beatriz Leite Henriques de Lucena (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Documento assinado digitalmente
 ELZE CAMILA FERREIRA RODRIGUES
Data: 28/06/2024 09:07:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Elze Camila Ferreira Rodrigues
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Documento assinado digitalmente
 GABRIELA GONCALVES BARBOSA
Data: 27/06/2024 18:51:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Gabriela Gonçalves Barbosa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, meus agradecimentos vão à Deus, que me deu forças e paciência para suportar os momentos mais difíceis dessa jornada. Agradeço, com todo o meu coração, aos meus pais, Carlos e Cristiane, que sempre acreditaram no meu potencial e investiram na minha educação desde cedo, mesmo em situações financeiras complexas. Tudo que eu sou, devo ao esforço e amor dos meus pais. Sou grata às minhas irmãs, que, com um sorriso e um abraço, deram sentido a tudo.

Meus agradecimentos também vão para as amigadas que fiz ao longo dessa jornada, que são: Luiza Cordeiro, Vívian Regia, Elyza Macedo, Iasmin Luna, Francielle Sales e Vinicius Moraes. Obrigada pelos momentos incríveis e únicos que vivi com cada um de vocês. Com vocês, a vivência acadêmica se tornou mais leve e inspiradora. Um agradecimento especial à Vívian, que esteve na minha reta final sempre me dando força e me apoiando no momento mais difícil. Sua força me inspira, Vívian. Obrigada pela sua amizade.

Professor André Pini, obrigada por acreditar em mim e me apresentar um objeto de estudo tão necessário para os dias atuais. Desde então, carrego o sentimento de que devo contribuir com meus insights acadêmicos no combate à ultradireita, e aqui estamos, nadando contra a maré por uma causa justa. Obrigada pela confiança depositada em mim para gerenciar o GEPURI. Professora Elze Rodrigues, agradeço pela oportunidade de ter sido sua monitora, e pelos conselhos valiosos que me deu. Guardo um carinho e admiração imensurável pela pessoa e profissional que és. Obrigada por todo apoio e disponibilidade quando precisei; essa é a verdadeira essência do professor, que você executa muito bem. Professoras Gabriela Gonçalves e Anna Beatriz Leite, obrigada pela disposição e auxílio durante essa jornada. Vocês me inspiram como mulher e como profissional.

RESUMO

A partir do questionamento: “como a ultradireita exerceu influência na política externa de Jair Bolsonaro?”, o presente trabalho examina quais foram os impactos da ascensão ultradireitista global no século XXI nas posturas e compromissos de política externa do governo Bolsonaro. A diplomacia bolsonarista foi esquadrihada aos moldes de uma conjuntura favorável ao ressurgimento da ultradireita na política internacional e regional, através do *hub* ultradireitista e do fenômeno latino-americano da Onda Marrom, que originou a corrente política do bolsonarismo no Brasil. Dessa forma, a pesquisa é sustentada pela abordagem teórico-metodológica qualitativa e busca elaborar um estudo de caso explanatório, elencando um marco teórico por meio de uma revisão bibliográfica em bases de dados, documentos oficiais e notícias jornalísticas. Ademais, trabalha-se com a hipótese de que a diplomacia bolsonarista é produto da ascensão da ultradireita global e busca obedecer à agenda de poder do *hub* ultradireitista a partir de acordos, posicionamentos e alinhamentos seletivos em política externa. A estrutura da pesquisa é organizada em três capítulos, no qual são analisados: a ultradireita na política internacional e suas nuances na América Latina; a construção do *hub* ultradireitista no século XXI, sua atuação em política externa e o caso da PEB bolsonarista; e as empreitadas ideológicas sistemáticas da diplomacia do governo Bolsonaro. A pesquisa conclui que o quadro de referência da diplomacia bolsonarista seguiu as dinâmicas internacionais e regionais de ascensão ultradireitista e construiu seus sustentáculos de acordo com a agenda do *hub* ultradireitista, buscando exercer influência entre a coalizão, solidificar uma contestação à ordem liberal internacional e fidelizar uma base eleitoral doméstica, o que resultou em consequências negativas em questões comerciais, políticas e diplomáticas para a imagem e confiança do Brasil.

Palavras-chave: Política externa brasileira. Ultradireita. Bolsonarismo. Onda Marrom. Conexões ideológicas.

ABSTRACT

Starting with the question: “How did the far-right influence the foreign policy of Jair Bolsonaro?”, this paper examines the impacts of the global rise of the far-right in the 21st century on the foreign policy stances and commitments of the Bolsonaro administration. Bolsonaro's diplomacy was scrutinized within the context of a favorable conjuncture for the resurgence of the far-right in international and regional politics, through the far-right hub and the Latin American phenomenon known as the "Brown Wave," which gave rise to the political current of Bolsonarism in Brazil. Thus, the research is supported by a qualitative theoretical-methodological approach and aims to develop an explanatory case study, establishing a theoretical framework through a literature review in databases, official documents, and journalistic news. Furthermore, it works with the hypothesis that Bolsonaro's diplomacy is a product of the global rise of the far-right and seeks to adhere to the power agenda of the far-right hub through agreements, stances, and selective alignments in foreign policy. The research structure is organized into three chapters, which analyze: the far-right in international politics and its nuances in Latin America; the construction of the far-right hub in the 21st century, its actions in foreign policy, and the case of Bolsonaro's foreign policy; and the systematic ideological endeavors of the Bolsonaro government's diplomacy. The research concludes that the reference framework of Bolsonaro's diplomacy followed the international and regional dynamics of the far-right rise and built its support structures in accordance with the agenda of the far-right hub, aiming to exert influence within the coalition, solidify a challenge to the international liberal order, and secure a domestic electoral base, which resulted in negative consequences for Brazil's image and confidence in commercial, political, and diplomatic matters.

Keywords: Brazilian foreign policy. Far-right. Bolsonarism. Brown Wave. Ideological connections.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Conexões ideológicas no hub ultradireitista	34
Figura 2 – Posição dos fenômenos perpetuados pela ultradireita global	37

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Particularidades entre esquerda e direita	14
Quadro 2 – Os quatro principais indicadores de comportamento autoritário	18
Quadro 3 – Síntese das três ondas ideológicas da América Latina na primeira metade do século XXI	28
Quadro 4 – Síntese dos três núcleos que gerenciaram a diplomacia bolsonarista	43

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Abin – Agência Brasileira de Inteligência

AfD – Alternativa para a Alemanha

AL – América Latina

BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento

BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

CELAC – Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos

CLA – Centro Espacial de Alcântara

CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito

CPAC – Conferência de Ação Política Conservadora

CPLP – Comunidade de Países de Língua Portuguesa

COVID-19 – Coronavírus

ESPII – Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional

EUA – Estados Unidos da América

INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

LGBT+ – Lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais e mais

MBL – Movimento Brasil Livre

Mercosul – Mercado Comum do Sul

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

OEА – Organização dos Estados Americanos

OMC – Organização Mundial do Comércio

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

OPAS – Organização Pan-Americana de Saúde

OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte

PEB – Política Externa Brasileira

PROSUL – Foro para o Progresso da América do Sul

PT – Partido dos Trabalhadores

TPP – Tribunal Permanente dos Povos

TPI – Tribunal Penal Internacional

UE – União Europeia

UNASUL – União de Nações Sul-Americanas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A ULTRADIREITA NA POLÍTICA INTERNACIONAL	13
1.1. Origens, conceitos e valores	13
1.2. A ultradireita no século XXI e as influências do trumpismo	20
1.3. A ultradireita na América Latina	23
2. O HUB ULTRADIREITISTA EM POLÍTICA EXTERNA	29
2.1. Modus operandi do hub ultradireitista	30
2.2. O caso do Bolsonarismo	35
2.3. O populismo de direita radical na Política Externa Brasileira	38
3. A DIPLOMACIA IDEOLÓGICA BOLSONARISTA (2019-2022)	46
3.1. Relações com o hub ultradireitista e os "inimigos" da coalizão	47
3.1.1. EUA	47
3.1.2. Israel	50
3.1.3. China	52
3.1.4. América Latina	54
3.1.5. Europa	57
3.2. Acordos internacionais ideológicos celebrados	59
3.3. A institucionalização do negacionismo	62
3.3.1. A questão da pandemia de COVID-19	63
3.3.2. O negacionismo ambiental	66
CONCLUSÃO	69
REFERÊNCIAS	74

INTRODUÇÃO

No século XXI, a ultradireita – ideologia mais à direita do espectro político-ideológico que coordena posturas radicais ou extremistas – assumiu novas formas e buscou um diálogo mais abrangente com a sociedade a partir do populismo de direita radical, no qual conquistou o debate público e passou a vencer eleições em diversas partes do mundo (Mudde, 2019). Através de novas estratégias e do avanço dos meios de comunicação proporcionados pela globalização, tornou-se necessário que as demandas ultradireitistas fossem alinhadas em uma espécie de *hub*¹, onde os líderes e atores da ultradireita global buscam se conectar entre si para garantir a solidificação de suas ideias na política internacional (Orellana; Michelsen, 2020). Diante disso, o bolsonarismo surge como fruto da ascensão da ultradireita e seus impactos na Onda Marrom da América Latina (AL), que perpetuam um *modus operandi* construído pelo Ocidente. Por conseguinte, observa-se que as relações internacionais, consolidadas na modernidade pela Paz de Westfália, são questionadas pela crescente força do *hub* ultradireitista² (Pini, 2021), onde o Brasil passa a fazer parte no governo de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), uma das referências do populismo de direita radical, por meio da ruptura da tradição de política externa brasileira (PEB) em favor da edificação da diplomacia bolsonarista, moldada pela corrente do bolsonarismo (Spektor, 2019; Lynch; Cassimiro, 2022).

Ao concentrar a pergunta de pesquisa em: “como a ultradireita exerceu influência na política externa de Jair Bolsonaro?”, o objeto de estudo do presente trabalho se pauta por analisar a ideologia de ultradireita na PEB do governo Bolsonaro, examinando as posturas e decisões tomadas no âmbito internacional, bem como os alinhamentos e relações com outros países. A ultradireita, no caso do Brasil, constituiu um quadro de referência para guiar a tomada de decisão em política externa. Nesse sentido, o objetivo geral foca em explorar o aspecto ultradireitista na condução da política externa brasileira entre 2019 e 2022. Para elucidar esse ponto, os objetivos específicos se debruçam em: compreender as dinâmicas da ultradireita global no século XXI e suas principais influências na América Latina; analisar a

¹ Nesse caso, o termo "hub" consiste em um eixo ou rede de suporte informal que proporciona uma plataforma de conexão para atores do sistema internacional – países, políticos ou partidos. A construção de um *hub* na política internacional possibilita a mobilização de pautas e a formação de coalizões (Simões; Melo; Silva, 2023).

² O *hub* ultradireitista é uma espécie de eixo forjado por países liderados por chefes ultradireitistas, partidos e políticos de orientação ideológica mais à direita do espectro, que buscam se aproximar em torno de uma coalizão para defender e disseminar pautas da ultradireita domesticamente e diante do sistema internacional, construindo uma agenda de poder para questionar a ordem vigente (Orellana; Michelsen, 2019).

conduta do *hub* ultradireitista e o caso do bolsonarismo no Brasil; e investigar como a PEB de Bolsonaro se desenvolve a partir da diplomacia bolsonarista.

O marco teórico da questão utiliza a literatura sobre ultradireita abordada pelos conceitos de Mudde (2019), Stanley (2018), Teitelbaum (2020) e Sedgwick (2004). Para contemplar aspectos regionais, a pesquisa utiliza as análises de Oliveira (2019) sobre a América Latina e a Onda Marrom ultradireitista. Prado (2021) e Lynch e Cassimiro (2022) sustentam as nuances domésticas da ultradireita no Brasil e o bolsonarismo. O trabalho aplica uma abordagem teórico-metodológica qualitativa, com o auxílio de uma revisão bibliográfica elencada através de bases de dados, como Google Scholar e SciELO, checando também documentos oficiais brasileiros e de instâncias internacionais, além de notícias jornalísticas. Com efeito, é delineado um estudo de caso explanatório sobre os impactos da ultradireita na orientação da política externa do governo Bolsonaro. Conforme Yin (2001), um estudo de caso explanatório busca ir além da descrição dos fatos, traçando explicações e causalidades para compreender uma dinâmica específica com base em um marco teórico que objetiva dar fundamentação ao argumento. A hipótese levantada pela pesquisa é a de que a diplomacia bolsonarista é produto da ascensão da ultradireita global e busca obedecer à agenda de poder do *hub* ultradireitista a partir de acordos, posicionamentos e alinhamentos seletivos em política externa. Tal proposição indica uma tentativa de identificar uma relação entre as pautas da ultradireita global e a condução ideológica da PEB na gestão Bolsonaro.

O trabalho conclui que, no século XXI, a ultradireita foi impulsionada a nível global, o que demandou a construção de uma coalizão de países e líderes políticos em torno da ideologia, para fortalecer o discurso em meio à ordem liberal internacional. A América Latina manifestou uma Onda Marrom de ascensão de personalidades ultradireitistas, consolidada em resposta à insatisfação com as consequências da Onda Rosa³ esquerdista. No Brasil, o bolsonarismo captou inspirações externas e regionais para se moldar e buscou um alinhamento com o *hub* ultradireitista, culminando na edificação de uma política externa voltada para um projeto de poder ideológico, em detrimento das tradições diplomáticas brasileiras. As posturas da PEB bolsonarista almejavam uma maior centralidade no eixo da ultradireita, investindo em decisões embasadas na ideologia, mas custosas para o país, o que causou uma vertigem na democracia do Brasil e uma danificação do poder da tradição diplomática brasileira no sistema internacional.

³ A Onda Rosa foi um fenômeno político na América Latina, no final do século XX, onde foram eleitos presidentes de esquerda e centro-esquerda em diversos países da região, em resposta à insatisfação popular aos efeitos econômicos do neoliberalismo dos anos 1990 e à reivindicação de políticas sociais direcionadas às minorias (Salgado; Sandrin, 2021).

A pesquisa está dividida em três seções, além da introdução e da conclusão. A primeira parte abre a discussão com os marcos teóricos que se debruçam sobre a ultradireita na política internacional, bem como suas principais transformações e correntes de influência no século XXI, destacando as nuances desse fenômeno na América Latina através da Onda Marrom. A segunda seção explicita a existência de um *hub* ultradireitista global que conecta líderes e atores ideológicos entre si em torno de uma agenda específica em política externa, e como a corrente político-ideológica do bolsonarismo foi erguida e desenhada com base na ultradireita para conduzir a PEB bolsonarista durante 2019 e 2022. O terceiro capítulo destrincha a tomada de decisão da política externa do governo Bolsonaro, e observa as relações do Brasil com outros Estados, acordos ideológicos celebrados diante do *hub* ultradireitista e os vieses negacionistas em tempos de Coronavírus (COVID-19) e emergência climática.

1. A ULTRADIREITA NA POLÍTICA INTERNACIONAL

Sob primeiro olhar, é crucial delinear os passos da ultradireita na política internacional desde os seus primórdios até às novas formas assumidas a partir do século XXI, tendo em vista o surgimento da internet e a escolha do populismo como estilo político no jogo eleitoral (Mudde, 2019). Na alçada intelectual, observa-se a emergência da visão reacionária do Tradicionalismo. O sustentáculo conceitual da ultradireita abarca posições econômicas radicais e premissas que envolvem darwinismo social, supremacia branca, racismo e xenofobia, através de uma roupagem ambígua e sarcástica (Sedgwick, 2004; Mudde, 2019; Teitelbaum, 2020; Prado, 2021).

No século XXI, notam-se os esforços para construir uma intelectualidade alternativa com auxílio da internet e outros tipos de empreendimentos, tais quais a fundação de editoras e criação de sites de notícias sensacionalistas (Mudde, 2019; Prado, 2021). Simultaneamente, a vitória controversa de Donald Trump (2016-2020) nos Estados Unidos (EUA) e a construção do trumpismo consolidaram as novas formas de organização da ultradireita através da *alt-right*, a estratégia delineada por Steve Bannon⁴ e a direita protestante estadunidense, proporcionando metodologias para captar eleitores e difundir a “guerra cultural” com táticas da metapolítica⁵ (Ibidem).

Acerca dessa lógica, visto que o trumpismo moldou a dinâmica da ultradireita no século XXI (Pini, 2021), convém destacar seus impactos no espectro ultradireitista da América Latina, somado às variáveis particulares da região que tornaram o ambiente político favorável à ascensão da ultradireita latino-americana. A decadência da Onda Rosa, o início da Onda Azul⁶ e a passagem para a Onda Marrom delinearão a escalada até a popularização de atores ultradireitistas regionais, nos quais se empenham em participar de um *hub* de representantes da ideologia a nível internacional (Sanahuja *et al.*, 2023).

1.1. Origens, conceitos e valores

Ao elucidar as conceituações acerca do imaginário ultradireitista, faz-se mister inserir a ideologia no espectro político esquerda-direita, no qual se localiza na ponta extrema do lado

⁴ Steve Bannon, também conhecido como o “guru” da ultradireita estadunidense, é um assessor político e foi estrategista-chefe da Casa Branca no governo Trump, sendo uma das principais figuras mobilizadoras da ideologia no país. Também contribuiu para traçar estratégias virtuais de disseminação de conteúdo ultradireitista e formação de subculturas online (Alexander, 2018).

⁵ Metapolítica ou “gramscismo de direita” consiste na estratégia ultradireitista de que, para alcançar o *mainstream* político, é necessário provocar mudanças profundas na cultura e na opinião pública (Prado, 2021).

⁶ A Onda Azul foi um fenômeno político-econômico na América Latina que surgiu a partir dos anos 2010 em resposta às consequências negativas dos governos da Onda Rosa, promovendo iniciativas neoliberais e defendendo o “Estado mínimo” como premissa-chave para o desenvolvimento das economias da região (Salgado; Sandrin, 2021).

destro. Infere-se que a ultradireita é uma expressão hiperbólica dos valores da direita clássica, que se dá através da adição de vieses de radicalização. Sob esse prisma, o ponto de partida que orienta as noções político-ideológicas da Idade Moderna Contemporânea se encontra na Revolução Francesa (Mudde, 2019). Davies (2002) descreve as origens da ultradireita no mesmo processo histórico, no qual a figura de Joseph De Maistre sinaliza a contrarrevolução, através dos ideais reacionários, monarquistas e anti-Iluminismo. No século XVIII, após a Revolução Industrial, o binômio esquerda-direita passou a se relacionar com questões socioeconômicas, contudo, prevalecendo também o secular (esquerda) *versus* religioso (direita). Posteriormente, a substância sociocultural foi adicionada, fator que multiplicou as dicotomias em internacionalismo-nacionalismo, progressista-conservador, liberdade-ordem, entre outras especificidades (Mudde, 2019). À proporção que a história acontece, os dois lados do espectro tomam formas cada vez mais sólidas.

Quadro 1 – Particularidades entre esquerda e direita

Esquerda	Direita
Progresso sociocultural Coletivismo Igualdade Cosmopolitismo Mudança do <i>status-quo</i> Racionalismo Democratismo Estado maior Primazia das condições dos grupos sociais Liberdade	Conservadorismo Propriedade Hierarquia e diferenças Nacionalismo Preservação do <i>status-quo</i> Organicismo Elitismo Estado mínimo Primazia do capital Ordem

Fonte: Elaborado pela autora com base em Pereira (2019); Mudde (2019); Simões; Melo; Silva (2023).

Embora a direita esteja no cerne do jogo político-democrático e respeite os *checks and balances*, suas premissas são interpretadas de modo mais radical ou extremista pelos círculos ultradireitistas, que defendem uma regressão da realidade a épocas históricas onde a autoridade e os valores tradicionais eram predominantes. Aplicando a radicalização dos postulados direitistas elencados na Tabela 1, o conservadorismo assume contornos extremos ou reacionários; as hierarquias se tornam parte do sistema de interações sociais e a desigualdade é estimulada como natural; o nacionalismo se converte em um chauvinismo nativista; a preservação do status-quo implica numa potencial imobilidade estrutural, através do respeito pela sociedade hierarquizada; o organicismo gera expressões racistas e supremacistas, ligadas ao darwinismo social; e o elitismo resulta em oligarquias plutocráticas. Em termos econômicos da direita radical, a propriedade seria exclusivamente privada e o

Estado mínimo se tornaria menor, até ser desmembrado da economia nacional (Stanley, 2018; Mudde, 2019; Prado, 2021). Em contrapartida, um Estado forte só é benéfico para assegurar a ordem, a narrativa chauvinista e as hierarquias, sistema mais compatível com a extrema direita (Stanley, 2018).

Dessa forma, a ultradireita consiste em um imaginário ideológico heterogêneo que compreende posições desde a direita radical até a extrema direita, no qual são exaltados valores reacionários e possui um apelo às hierarquias e papéis sociais de gênero, como também simpatizam com dinâmicas do estilo “Nós *versus* o Outro”⁷, que podem escalar para comportamentos racistas e potenciais dificuldades de assimilar minorias na sociedade (Mudde, 2019), culminando em aversão e até violência em alguns episódios. Ao aprofundar os estudos sobre ultradireita, é imprescindível perceber a ideologia enquanto um guarda-chuva que abriga duas principais concepções: a direita radical e a extrema direita.

Nesse contexto, a direita radical, apesar de conviver com o jogo democrático, repudia seus sustentáculos – pluralismo e direitos das minorias, *checks and balances* e Estado de direito –, simpatizando com condutas mais iliberais⁸. Dois exemplos chave são a direita alternativa e o populismo de direita radical. Já a extrema direita é avessa à democracia e a qualquer forma de governo que se baseie na soberania popular, recorrendo constantemente à violência, tal qual o fascismo e o nazismo (Mudde, 2019). Ainda, segundo Mudde (2019, p. 12), “Ambos os subgrupos se opõem ao consenso democrático liberal do pós-guerra, mas de maneiras fundamentalmente diferentes. Enquanto a extrema direita é revolucionária, a direita radical é mais reformista. Em essência, a direita radical confia no poder do povo, a extrema direita não. [tradução própria]”.

A heterogeneidade da ultradireita se dá através das diversas correntes de pensamento que carregam enfoques políticos, econômicos ou culturais; entretanto, os alicerces da ideologia são consolidados em sete características essenciais, que podem variar sua intensidade de acordo com alguns fatores, ao exemplo da postura do partido político ou da figura política, bem como a realidade do país. A literatura acerca das particularidades da ultradireita é dotada de diferentes listas de classificações, todavia, conforme Cas Mudde (2000), cinco comportamentos se sobressaem: Estado forte, antidemocracia, racismo, nacionalismo e xenofobia. Ademais, é importante citar outros dois aspectos: nativismo e

⁷ A divisão “Us and Them”, ou “Nós e o Outro”, compreende uma dinâmica social excludente *insider-outsider* que engloba um viés nativista discriminatório contra minorias, podendo ser também violento (Stanley, 2018).

⁸ O Iliberalismo é uma postura política específica que promove potenciais retrocessos constitucionais e nas liberdades fundamentais, fragmentando o Estado de Direito e rejeitando o multilateralismo. Também se opõe à democracia liberal (Silva, 2021).

pessimismo cultural (Mudde, 2019; Stanley, 2018). A nebulosa ultradireitista articula tais percepções em uma série de narrativas conspiracionistas, que objetivam apontar um culpado para determinados problemas em um certo contexto. Tendo em vista que a ideologia aflora mais rapidamente em conjunturas de crise, a ultradireita expressa soluções equivocadas e rasas para problemas mais complexos do jogo político-econômico.

No século XXI, a ultradireita ganha espaço por meio do populismo de direita radical, a partir de mecanismos que envolvem ciência de dados, marketing político e o uso da internet e da mídia. O populismo é um estilo político fluido que acredita na divisão da sociedade entre uma maioria honesta (o povo) e uma minoria corrupta (as elites), no qual a maioria é vista como um grupo homogêneo que possui vontades que devem ser exprimidas por meio de um líder carismático, porta-voz dos desejos do povo. O fator do carisma da figura central é fundamental na compreensão de sua relação com o grupo, uma vez que a orientação do líder se pauta por uma linguagem apelativa e que pretende gerar uma resposta emotiva em seu público-alvo (Lynch; Cassimiro, 2022). Por sua vez, o populismo de direita radical consiste no uso de estratégias políticas populistas para captar eleitores através de ideias ultradireitistas, desenvolvendo o uso da persuasão na mobilização do povo a partir de suas emoções.

“Os populistas se apresentam como intérpretes privilegiados dessa vontade, boa e infalível do povo, que viria, entretanto, sendo negligenciada ou impedida na democracia liberal por uma minoria ou elite, que à sua revelia ou contra a sua vontade, monopolizaria os recursos políticos, sociais e econômicos de poder. [...] Trata-se, para o populista, de fabricar uma imagem do povo representado como um corpo homogêneo e com uma vontade única, que só pode existir por meio de um único representante que sintetize seus valores. Nega-se assim a ideia democrática de representação como competitividade de visões de mundo plurais. [...] Como estilo de fazer política, o populismo está baseado em três características: o apelo “ao povo” contra “a elite”, “o politicamente incorreto” e a percepção de que existiria no mundo uma crise, um risco de ruptura ou uma ameaça iminente.” (Lynch; Cassimiro, 2022, p. 16-17).

Os argumentos nativistas são levantados pelo populismo de direita radical. Nesse segmento, o maniqueísmo entre o “povo” e as “elites” forma a figura do “cidadão de bem” da classe trabalhadora, que se coloca como vítima da corrupção do *establishment*, entidade composta por políticos tradicionais globalistas e supostamente financiadores de projetos que propõem estimular a imigração, além de integrar os grupos minoritários na sociedade por meio da ampliação de seus direitos civis – mulheres, negros, LGBTQ+, imigrantes, indígenas – para cumprir uma agenda de poder “esquerdistas”. É fundamental esclarecer que o público-alvo desse discurso, “o povo”, é direcionado a uma classe dominante de homens brancos, heterossexuais e cristãos, induzidos a reagir perante um relativo declínio de seus

privilégios estruturais consolidados desde a Antiguidade Clássica (Prado, 2021; Lynch; Cassimiro, 2022).

Na visão ultradireitista, a inclusão de minorias é percebida como uma grande ameaça ao status-quo, passível de quebrar as hierarquias de gênero e etnia convencionais, o que proporciona um mal-estar reativo nas classes privilegiadas (Lynch; Cassimiro, 2022). Logo, as “elites globalistas” e os grupos minoritários são postos como culpados pelos problemas existentes, uma vez que o multiculturalismo e a igualdade são aspectos negativos para a ultradireita. Ao se utilizar do senso comum grotesco do “politicamente incorreto” para tentar legitimar uma “ameaça”, o populista de direita radical se apresenta como portador de uma grande resolução que pode “salvar” o povo e preservar o status-quo, geralmente expressa por políticas públicas anti-imigração, redução das garantias dos povos indígenas, e retrocessos em questão dos direitos das mulheres, dos negros e pessoas LGBT (Prado, 2021; Lynch; Cassimiro, 2022).

Os líderes ultradireitistas se vendem como *outsiders*, figuras que, embora sejam populares, não possuem vínculos com o *establishment*. Sendo assim, em épocas de crise, os partidos tradicionais cogitam coalizões políticas com o populismo de direita radical, com o fito de captar diversos grupos do eleitorado, na promessa de que as ideias radicalizadas difundidas pelo líder serão silenciadas após as eleições (Levitsky; Ziblatt, 2018). Essas “alianças fatídicas”, como nomeiam Levitsky e Ziblatt (2018), culminam na lenta destruição da democracia, se utilizando da mesma para corroer as instituições em sentido centrífugo. O desprezo pelas normas e o *constitutional hardball*⁹ contribuem para manipular o jogo político de modo favorável ao *outsider*, que se utiliza de campanhas de desinformação, linguagem politicamente incorreta, ofensiva e apelativa, e uma postura agressiva em relação aos adversários, visto que a percepção formulada acerca do Outro acompanha uma necessidade de eliminação urgente, com o propósito de esmagar a suposta ameaça.

Acerca dessa lógica, tais elementos se fundem em um discurso ambíguo e hostil contra as minorias e o sistema, que se traduz por tendências autoritárias, racistas, xenofóbicas e chauvinistas. O desequilíbrio da democracia se desenrola lentamente, e de forma invisível aos olhos da população (Levitsky; Ziblatt, 2018). Ao se consolidar no poder, o populista de direita radical consegue tornar os partidos políticos tradicionais dependentes de sua figura ou busca radicalizá-los, estabelecendo, dentro das instituições, uma rede de grupos coniventes com as ações inconstitucionais do líder.

⁹ Também chamado de “jogo duro constitucional”, envolve a utilização de ambiguidades e lacunas constitucionais, como também táticas partidárias para conquistar ganhos políticos (Levitsky; Ziblatt, 2018).

Quadro 2 – Os quatro principais indicadores de comportamento autoritário

Rejeição do jogo democrático	Expressar uma vontade de violar a Constituição; sugestão de medidas antidemocráticas; restrição de direitos civis ou políticos; encorajar insurreições ou protestos violentos; recusa da aceitação de resultados eleitorais legítimos.
Negação da legitimidade dos adversários	Descrição dos adversários como ameaças à segurança nacional, ao estilo de vida majoritário e à ordem política. Também denunciam os opositores como corruptos e agentes secretos em parceria com órgãos estrangeiros potencialmente inimigos. Aqui entra a disseminação de teorias da conspiração.
Tolerância ou estímulo à violência	Vínculos com forças paramilitares ou milícias; estímulo ou patrocínio a ataques e atentados; encorajamento à violência dos apoiadores com omissão à punição; elogio a eventos históricos de violência política.
Disposições para restringir liberdades civis e a mídia	Apoio a processos que retirem liberdades civis e/ou políticas; acusação de difamação ou calúnia por parte dos adversários; ameaçar os opositores, de forma a intimidar por meio de medidas legais; elogio a medidas históricas repressivas.

Fonte: Levitsky; Ziblatt (2018).

A primazia da questão cultural e de uma cosmovisão hostil à diversidade humana é uma das premissas sustentadas pela ultradireita. O populismo de direita radical, ao se referir a uma “ameaça emergente” representada por grupos sociais estereotipados, sugere problemas de ordem sociocultural e moral, que supostamente afetam a política, a economia e a ordem vigente. Por conseguinte, a cosmovisão supracitada é originada pelo Tradicionalismo, principal corrente de pensamento resgatada pela ultradireita, definida como um conjunto de práticas e crenças passadas por gerações, desde períodos mais antigos, que se fragmentaram na modernidade, onde a transmissão de costumes foi cessada no Ocidente (Sedgwick, 2004, p. 21). De modo mais específico, o Tradicionalismo preza por valores estruturais hierárquicos já consolidados desde o início da humanidade; as noções ocidentais de honra, virilidade, fé, raça, força e poder, incluindo o patriarcado, a primazia da religião e dos simbolismos, e a supremacia do homem branco europeu.

Contudo, após eventos como a destruição dos Cavaleiros Templários, o Renascimento, a Paz de Westfália e o Iluminismo (Pini, 2021; Prado, 2021), todo o arcabouço de hábitos e cosmovisões repassados se dissipou, abrindo espaço para a edificação de um horizonte materialista, racionalista e positivista. As tradições sagradas desapareceram, o que é interpretado de modo apocalíptico pelo Tradicionalismo: o fim do Ocidente se encontraria iminente (Teitelbaum, 2020). Os principais expoentes da abordagem tradicionalista – René Guénon, Julius Evola e Oswald Spengler – escreveram livros sobre a ameaça trazida pela “Era

das Trevas” ao Ocidente, no qual enxergam a temporalidade da história de modo cíclico, onde o apogeu se pauta pela supremacia da tradição, ao passo que o declínio da civilização se inicia a partir do escanteio dos valores do Tradicionalismo (Sedgwick, 2004; Pini, 2021). Uma vez que a modernidade abraça a inclusão às minorias, a importância das igualdades e o intercâmbio multicultural, implica no afastamento do sagrado, do darwinismo social, da autoridade e das hierarquias. Guénon descreve o fenômeno como a Teoria da Inversão: os avanços estabelecidos pelo Ocidente moderno, na verdade, são elementos-chave para o colapso da civilização ocidental, que é incapaz de sobreviver sem o componente religioso e tradicional (Pini, 2021).

A permanência da força da Igreja Católica simboliza que o Cristianismo é o último bastião da tradição, sendo um dever a sua preservação e defesa na modernidade (Araújo, 2017). Julius Evola mistura perenialismo¹⁰, nativismo e racismo para explicar que o Tradicionalismo é embasado numa natureza metafísica universal que origina as religiões e tradições, designando uma estrutura social divina e inquestionável que leva em consideração as identidades raciais e étnicas. Em virtude disso, Evola atraiu figuras como Benito Mussolini, ao falar de “racismo espiritual”, bem como se aproximou do nazismo alemão (Pini, 2021; Hakl, 2019). Já Oswald Spengler, personalidade que também demonstrou simpatia pelo fascismo, adicionou um caráter mais organicista para descrever sobre a inevitabilidade do fim da cultura ocidental, tendo em vista que, na visão spengleriana, as culturas nascem, crescem e morrem (Engels, 2019). Outra perspectiva de Spengler é a de que “[...] cada ser humano só faz sentido dentro de uma determinada civilização, de uma comunidade cultural ou – poderíamos acrescentar aqui – dentro de uma nação.” (Araújo, 2017, p. 344).

“Percebe-se, de fato, que as principais influências intelectuais da ultradireita, apesar de heterogêneas, têm em comum a preocupação com a sociedade ocidental e seus rumos após a incorporação dos valores Modernos, abordando temas como o combate às influências culturais do igualitarismo e do multiculturalismo, assim como os fracassos e as fraquezas da democracia liberal.” (Pini, 2021, p. 47).

A partir do Tradicionalismo, outras correntes de pensamento derivadas surgem, solidificando as bases da intelectualidade ultradireitista a partir do século XX, ao exemplo da *Nouvelle Droite*, da *alt-right*, do arqueofuturismo e do aceleracionismo. Diante do exposto, a literatura tradicionalista é essencial na compreensão do *modus operandi* da ultradireita e do atual populismo de direita radical, porque compõe uma agenda que visa o reacionarismo, exaltando um passado mítico “dourado” e próspero, idealizado através de noções ilusórias do período, além de manifestar a preferência por convenções sociais arcaicas, dotadas de tabus,

¹⁰ O perenialismo é uma escola de pensamento que defende a existência de uma tradição nuclear primordial perene, de origem indo-europeia, que se perdeu com a modernidade (Teitelbaum, 2020).

preconceitos e virilidades ufanistas. Também exprime o desejo pelo retorno desses valores e de um status-quo político mais autoritário, focado na ordem e na segurança – origens do fetichismo pela militarização nacionalista e violência contra opositores (Prado, 2021).

A próxima subseção irá elucidar as nuances da ultradireita no século XXI e os novos contornos adquiridos diante da conjuntura apresentada, bem como o surgimento do trumpismo enquanto um movimento que se sobressaiu à figura do seu líder, moldando as estratégias de disseminação da ideologia e manipulando a opinião pública.

1.2. A ultradireita no século XXI e as influências do trumpismo

Cas Mudde (2019) analisa os passos da ultradireita no pós-Segunda Guerra Mundial no Ocidente, no qual é observada uma inicial queda na mobilização de ideias perante a política e a sociedade, sucedida por períodos de lento crescimento eleitoral e difusão de percepções ultradireitistas em diversas esferas, até chegar no século XXI, onde o imaginário ideológico é alavancado por meio de alguns mecanismos, como a mídia e a internet, articulando-se em outras regiões do globo, como a América Latina. Embora o aparato ultradireitista tenha sido nocauteado em 1945, o repúdio do imediato pós-guerra não significou a morte da ideologia (Mudde, 2019).

No século XXI, observa-se um exponencial crescimento da ultradireita em várias dimensões. O uso da mídia e da internet se colocam como instrumentos de disseminação dos ideais ultradireitistas, influenciando a opinião pública e o eleitorado, o que se traduziu na vitória de líderes populistas de direita radical em alguns países, como também conduziu o fomento da ideologia além do Ocidente, ao exemplo do Brasil (Mudde, 2019). Desse modo, o papel da grande mídia possui um valor controverso, uma vez que, ao divulgar as polêmicas da ultradireita nos jornais, concede uma visibilidade para que a sociedade conheça o imaginário ideológico ali comentado, inserindo a discussão no debate público. A falta de cautela em abordar a temática também gera o risco de deturpar a seriedade sobre o perigo que o mecanismo ultradireitista proporciona à democracia (Mudde, 2019; Prado, 2021).

Por outro ângulo, a popularização da internet ocasionou a gênese de um espaço de conexão no qual se permitiu encontrar pessoas com cosmovisões similares, além de ser um meio de comunicação em escala global que possibilita a rápida difusão de informações. A partir disso, a ultradireita, guiada pela metapolítica, arquitetou uma mídia alternativa conspiracionista, que fez um contraponto ao *mainstream* midiático e depositou esforços para manipular o eleitorado, e, conseqüentemente, a política (Prado, 2021). Logo, tendo em vista a existência de uma bolha ultradireitista nas redes sociais, é conveniente destacar a ação dos

algoritmos na persuasão dos conteúdos a serem consumidos online. Uma vez que as empresas lucram com a alta demanda, sugerir postagens e engajar anúncios é útil, mesmo que sejam produtos nocivos a longo prazo (Ibidem).

A ultradireita alcançou o *mainstream* político por meio do populismo de direita radical, subdivisão ideológica iliberal que se adapta ao jogo democrático com o fito de desfigurá-lo. Segundo Cas Mudde (2019), o século XXI foi o palco de três grandes crises que catalisaram o sentimento ultradireitista na sociedade: Os ataques de 11 de setembro de 2001, que originaram a islamofobia e a tensão das “novas Cruzadas”; a Crise de 2008, percebida como fruto do “globalismo”¹¹ e das elites neoliberais; e a Crise de Refugiados de 2015, aceleradora da xenofobia e da “guerra cultural”. Ao estimular respostas emocionais sobre as insatisfações da população com o *establishment*, os votos de protesto foram cruciais para captar segmentos sociais e submetê-los a um processo de radicalização, favorecendo as diversas vitórias ultradireitistas ocorridas após os anos 2010. A articulação dos princípios ideológicos foi impulsionada por aspectos como teorias da conspiração, a intelectualidade alternativa e as *fake news*, criando narrativas discriminatórias e antidemocráticas (Prado, 2021).

Acerca dessa lógica, segundo a argumentação da ultradireita, as consequências da globalização produziram “ganhadores e perdedores”, onde os imigrantes, as minorias e os setores mais vulneráveis se beneficiaram de políticas públicas, ao passo que os “cidadãos de bem” passaram a sofrer com o desemprego e a violência supostamente gerada pelos grupos sociais minoritários integrados (Lynch; Cassimiro, 2022). Tais pensamentos são traduzidos pelos conceitos de ansiedade econômica e *backlash* cultural, nos quais atribuem um significado negativo ao intercâmbio cultural e pautam as relações entre os grupos privilegiados e as minorias como um jogo de soma zero, dotado de vitimismo e inseguranças por parte daqueles que sempre estiveram em posições favoráveis socialmente – os setores brancos, ocidentais e cristãos (Norris; Inglehart, 2019). A centralidade do nativismo, nesse segmento, formula uma concepção dentro da dualidade “Nós *versus* o Outro” para justificar que o “povo” está sendo sabotado e levado à perdição pelo Outro – as minorias –, pois esse ente alheio supostamente “roubou” os empregos dos nativos, “perturbou” a ordem da nação e “manchou” a unidade cultural nacional, inserindo elementos estrangeiros (Norris; Inglehart, 2019).

¹¹ Entre a ultradireita, o globalismo é uma teoria da conspiração na qual afirma que as dinâmicas da globalização são controladas pelo *establishment* progressista global através da lente do marxismo cultural (Prado, 2021).

A cosmovisão ultradireitista no século XXI ganhou novos contornos devido ao contexto internacional e às novas dinâmicas sociais. A centralidade do caso dos EUA para nortear uma espécie de “receita” para a ultradireita global, popularizada por Steve Bannon, é fundamental na compreensão das estratégias desenvolvidas e na visão de como o “porta-voz do povo” Donald Trump conseguiu ir além do trumpismo, estabelecendo um complexo imaginário conspiracionista (Alexander, 2018). Diante do cenário de fragmentação da direita estadunidense, a vitória presidencial de Trump marcou a emergência do populismo de direita radical na política internacional, que reuniu diversas abordagens ultradireitistas na formação de um imaginário com pretensões para captar diferentes segmentos da sociedade e faixas etárias variadas, através de estilos de propaganda adaptáveis (Pini, 2021).

Steve Bannon, ex-estrategista da Casa Branca no governo Trump, possui uma longa experiência no ramo da difusão da ultradireita online, onde se engajou na construção de sites de notícias, produção audiovisual e editoras de livros. Sua sabedoria, no tocante à bolha ultradireitista estadunidense – que ajudou a erguer – concedeu um viés filosófico à Trump por meio do pensamento do populismo de direita radical, mobilizando uma frente “intelectualista” com o conspiracionismo da *alt-right* e dos *think tanks* da ultradireita dos EUA (Alexander, 2018). A partir disso, a narrativa gira em torno de Donald Trump enquanto uma figura que combate o *deep state*¹² nos bastidores da política mundial e propõe a restauração do status-quo da nação, em favor do “cidadão de bem” estadunidense e dos valores do país. Simultaneamente, a missão também demanda impedir o “marxismo cultural”, a imigração e o multiculturalismo cosmopolita, negar a emergência climática e a crise de saúde global e divulgar a verdade oculta que a grande mídia esconde, por meio das mídias alternativas. Bannon, através de suas estratégias, consolidou o trumpismo nos sustentáculos conspiracionistas da *alt-right* (Pini, 2021).

A direita alternativa buscou persuadir a opinião pública com pensamentos supremacistas, ultraconservadores e xenófobos, adicionando uma camada de humor degradante ao se referir ao Outro. Todo esse aparato comunicacional pautado por teorias da conspiração se volta para travar a “guerra cultural”, onde o Ocidente secretamente luta pela integridade dos seus valores, em contraste com a “perigosa” convivência multicultural proporcionada pela globalização (Prado, 2021). É substancial reconhecer, portanto, as câmaras de eco¹³ virtuais e o surgimento de subculturas, *influencers* e outros grupos na

¹² O *deep state* (Estado paralelo), na visão trumpista, consiste em uma governança secreta marxista alternativa dentro das instituições políticas, que dominam o processo de tomada de decisão (Prado, 2021).

¹³ As câmaras de eco são moldadas pelos algoritmos cibernéticos com o intuito de captar o usuário o máximo de tempo possível, coletando dados para entender preferências de conteúdo. Assim, as informações consumidas –

ascensão do trumpismo. A internet foi fundamental na criação dessa nova dimensão do imaginário ideológico, onde a *alt-right* alavancou os preceitos ultradireitistas, aprimorando o pensamento teórico e aliando à prática, além de planejar ataques online à figuras públicas opositoras e se utilizar do sarcasmo (Prado, 2021). Já a direita protestante adicionou o substrato religioso no trumpismo, em um viés apocalíptico sobre o declínio dos valores tradicionais cristãos e do *American way of life* (Pini, 2021). A utilização da religião, nesse contexto, propõe agregar legitimidade ao movimento e distorcer liturgias em prol de discursos radicalizados.

No próximo subtópico, o trabalho analisa a cronologia da ultradireita na América Latina no século XXI, observando o trumpismo como inspiração para a elaboração estratégica de captar eleitores e influenciar o contexto político. As particularidades regionais também são elencadas, a fim de compreender as causas que tornaram a AL um terreno viável para o florescimento da ultradireita e sua participação no eixo ideológico internacional.

1.3. A ultradireita na América Latina

Em análise, torna-se necessário listar os fatores que propiciaram o desenvolvimento da ultradireita na América Latina, levando em consideração os conceitos designados pela literatura, elementos da conjuntura internacional e condições particulares da região. Além das influências dos fascismos latino-americanos dos anos 1930, as ditaduras militares extremistas da década de 1960 foram experiências que fortaleceram o pensamento ultradireitista na AL. Engajados pelos EUA durante a Guerra Fria, os autoritarismos incorporaram às instituições políticas pela via dos golpes de Estado com o propósito de proteger a América Latina da “ameaça comunista”, estabelecendo um Estado de exceção e suspensão dos direitos fundamentais em prol da Doutrina de Segurança Nacional¹⁴ (Sanahuja *et al.*, 2023).

As ditaduras cultivaram o sentimento nacionalista e de exaltação à ordem e às hierarquias como pressupostos de uma sociedade sistematizada nos moldes organicistas. O nativismo do “cidadão de bem” contra os grupos que “ameaçavam” a estabilidade social também foi instigado, definidos como “subversivos” os opositores dos regimes militares, passíveis de punições severas – a brutal repressão, a tortura e as mortes eram procedimentos padrão. Além disso, a primazia dos valores tradicionais da família, o componente religioso

verdadeiras ou não – serão sempre favoráveis ao que o consumidor acredita, gerando uma confirmação de crenças e evitando tópicos divergentes (Prado, 2021).

¹⁴ A Doutrina de Segurança Nacional se originou na Guerra Fria e foi fomentada na América Latina pelos EUA, criando a “ameaça comunista” como o maior inimigo da região e a necessidade de combatê-lo militarmente (Altemani, 2005).

cristão, o apelo militarista e a mistura entre capitalismo e autoritarismo pertenciam ao conjunto de ideias das ditaduras (Lynch; Cassimiro, 2022).

A redemocratização, nos anos 1990, encerrou os processos militares na região, onde alguns Estados implementaram uma justiça de transição, que consistiu na responsabilização pela violação de Direitos Humanos, mecanismos de memória histórica e uma transformação nas forças militares (Mota, 2022). O Brasil pulou diversas etapas dessa passagem devido à Lei de Anistia, que tornou impunes os criminosos e assassinos do regime. Apesar disso, conservadores e grupos nostálgicos do período militar ficaram à margem da política (Mota, 2022). A hiperinflação, o fracasso do Consenso de Washington, os choques econômicos externos na AL e a estagnação do status de “países emergentes” contrastavam com o avanço tecnológico, político e econômico do Norte global. Por conseguinte, a insatisfação popular em meio à crise econômica provocada pelas classes dominadas-dominantes – elites que acumulam dinheiro domesticamente enquanto são submissos aos interesses dos centros hegemônicos do capital – a administração militar e os fatores internacionais resultaram na Onda Rosa de governos de esquerda e centro-esquerda (Oliveira, 2019; Salgado; Sandrin, 2021).

A Onda Rosa promoveu uma série de transformações nos anos 2000. O boom das commodities possibilitou um período de relativa prosperidade econômica, que se traduziu pelos investimentos infraestruturais e geração de empregos, criação de políticas públicas para pessoas de baixa renda, estímulos para a formação universitária de grupos menos favorecidos, e o avanço dos direitos das mulheres, dos LGBT+, dos indígenas e dos negros. Logo, o saldo positivo da Onda Rosa ampliou a classe média, reduziu as desigualdades, tornou a saúde e o ensino superior mais acessíveis e estruturou as garantias fundamentais das minorias. Todavia, uma vez que as mudanças socioeconômicas não foram acompanhadas por modificações na estrutura de poder enviesada pelas elites dominadas-dominantes, os escândalos de corrupção e as instabilidades potencializadas pela Crise de 2008 culminaram em desequilíbrios políticos que fizeram declinar a Onda Rosa, encerrando o boom das commodities e elevando a região a uma maior vulnerabilidade econômica (Oliveira, 2019).

Outro aspecto relevante é a insatisfação dos grupos privilegiados conservadores com o empoderamento dos setores minoritários e a formação de uma sociedade mais diversificada, o que ocasionou um backlash cultural pela sensação da lenta perda do status quo desconstruído por dinâmicas sociais que almejam mais igualdade. A ansiedade econômica é expressada de modo similar, tendo em vista que a ascensão das classes menos favorecidas, apesar da persistente desigualdade social na região, não gerou um acolhimento pleno desses grupos,

nem uma consciência igualitária entre a população. Do contrário, os investimentos estatais, por meio de impostos, para a melhoria das condições de vida dos mais pobres, foram percebidos como “desnecessários” pelas classes privilegiadas (Norris; Inglehart, 2019; Oliveira, 2019). Logo, é evidenciado que o racismo e a aporofobia – elemento em destaque no imaginário ultradireitista latino-americano –, antes velados estruturalmente, ficaram cada vez mais expostos (Salgado; Sandrin, 2021).

Na América Latina, o retorno do neoliberalismo como “a grande solução para o desenvolvimento” no debate público foi impulsionado pela Onda Azul de governos neoliberais de direita e centro-direita. O backlash cultural e a ansiedade econômica deixadas pelo fim da Onda Rosa estiveram nas principais críticas ao modelo do Estado assistencialista, em contraposição ao Estado mínimo neoliberal. A partir dessa perspectiva, o apelo pela diminuição de impostos e a idealização de pressupostos meritocráticos adentraram à mentalidade de alguns países latino-americanos, que presenciaram uma Onda Azul de lideranças governamentais de direita e centro-direita (Salgado; Sandrin, 2021).

De forma paralela, a direita radical do Norte global se empenhou em realizar financiamentos discretos de grandes empresários libertários, ligados a *think tanks* como Atlas Network, Students for Liberty e Institute Ludwig von Mises (Rocha, 2018), com o fito de inserir ideias libertárias na opinião pública latino-americana. A narrativa criada se espelhou em pensadores da Escola de Chicago – utilizada pelos Chicago Boys¹⁵ para estruturar a economia do Chile na ditadura de Pinochet – e da Escola Austríaca, defendendo um sistema de limitações que responsabiliza o Estado apenas pelo cumprimento de acordos celebrados e pela segurança da população, evitando o acúmulo de funções. Ao minimizar as obrigações estatais e privatizar suas empresas, é acreditado que a qualidade do serviço prestado aumenta, fomentando a economia de mercado neoliberal (Rocha, 2018).

A manipulação da opinião pública a partir da fundação de *think tanks*, movimentos e comunidades virtuais, em meio à crise política na região, abriu espaço para que correntes de pensamento mais à direita do espectro chegassem ao *mainstream*, emergindo a Onda Marrom. As classes dominadas-dominantes, os grupos privilegiados e substratos da classe média latino-americana se apropriaram das narrativas de direita radical disseminadas, traçando alianças fatídicas com direitistas do *establishment* (Rocha, 2018; Lynch; Cassimiro, 2022). Nesse ínterim, além do viés econômico radicalizado da Onda Marrom, algumas de suas particularidades se concentram na escolha da *alt-right* como inspiração, o populismo como

¹⁵ Os *Chicago Boys* foram um grupo de economistas chilenos que reproduziram os moldes econômicos da Escola de Chicago durante a ditadura militar no Chile, unindo autoritarismo e neoliberalismo (Rocha, 2018).

estilo político e os elementos ultraconservadores como guias morais (Prado, 2021). Os neogolpes¹⁶ e a adoção do *constitutional hardball* no jogo democrático foram estratégias adotadas pela ultradireita latino-americana (Silva, 2021).

Cabe enfatizar que, apesar da ascensão da ultradireita na AL no século XXI ser produto de um fenômeno surgido na Europa e que se baseia em pressupostos voltados para os valores ultraconservadores ocidentais, o continente latino-americano não está inserido como parte do Ocidente. Em verdade, o Ocidente é um bloco sócio-histórico composto pela Europa e pelos EUA – também conhecido como Norte global – no qual construíram sua história através do patriarcado, da supremacia branca e do cristianismo, firmando um poder cultural eurocentrista. Além de dizimar culturas em favor da imposição dos valores ocidentais, as bases econômicas do Ocidente são sustentadas pela exploração colonial nas Américas, na África e na Ásia, que possibilitou o acúmulo de riquezas desde o século XVI (Quijano, 2005). Nessa perspectiva, a Onda Marrom possui elementos regionais, mas se baseia erroneamente na noção de que a América Latina faz parte do Ocidente, visto que compartilham fragmentos históricos, culturais e religiosos. É interessante compreender que tais variáveis em comum foram fruto da brutal colonização e do soft power ocidental amplificado na globalização, ambos impostos à força ou forjados como sequelas da colonialidade (Quijano, 2005).

Assim como as outras Ondas, a manifestação dos ideais ultradireitistas não se deu de forma homogênea na região, organizando-se com maior coesão em países como Brasil, Argentina, Colômbia e El Salvador (Salgado; Sandrin, 2021; Caetano, 2024). Outrossim, partidos radicalizados, figuras da ultradireita e determinados processos políticos, ainda que marginalizados, passaram a compor a estrutura institucional da maioria dos Estados na AL. Ao enxergar uma oportunidade no sentimento anti-esquerda e na conjuntura favorável a ideias direitistas, o populismo de direita radical surgiu, provocando uma fusão entre libertarismo, neoliberalismo, autoritarismo, premissas anti-democráticas, populismo e o uso da metapolítica, mediante às inspirações assimiladas da *alt-right* e do trumpismo (Sanahuja et al., 2023).

“Em momentos decisivos de confronto, como visto na década de 1960, essa fração da classe dominante recuou para alianças com a decadente oligarquia agrária e o capital estrangeiro, abandonando governos progressistas e democráticos e apoiando regimes conservadores de tipo periférico-fascista. (Oliveira, 2019, p. 6) [tradução própria].”

¹⁶ Segundo Silva (2021, p. 58), o neogolpe “[...] se processa através de interpretações distorcidas das instituições – particularmente do mecanismo do *impeachment* quando este é constitucionalmente previsto –, combinando estratégias institucionais com a mobilização de setores da sociedade civil através dos tradicionais e dos novos *mass media*. Tais características têm como intuito revestir de alguma legalidade e legitimidade estratégias não-eleitorais de chegada ao poder.”

Na América Latina, a expansão dos meios de comunicação permitiu que as redes ultradireitistas fossem articuladas em blogs, movimentos, podcasts, livros, páginas nas redes sociais e cursos online, de modo a persuadir a opinião pública através da metapolítica, com discursos capazes de gerar uma resposta emotiva e despertar pontos de vista preconceituosos – a intelectualidade alternativa da região também nasce nesse contexto (Prado, 2021). Dessa maneira, observa-se a tentativa de aplicar o *modus operandi* da *alt-right*, levantando mídias próprias e elaborando formas de se colocar nas manchetes dos principais jornais. A inspiração trumpista da Onda Marrom fez emergir personalidades similares a Trump, que se utiliza do humor degradante para direcionar ódio às minorias e aos políticos progressistas, além de se comportar como um porta-voz do “cidadão de bem” que supostamente perdeu seus privilégios e vê seus valores – ainda hegemônicos – em risco (Lynch; Cassimiro, 2022).

O teor anti-esquerda da grande mídia latino-americana, como um efeito do fim da Onda Rosa, fomentou o sentimento de rejeição às concepções e conquistas dos governos esquerdistas, possibilitando a entrada de perspectivas da Onda Azul, inicialmente, que se radicalizaram diante do crescimento de atores da ultradireita da AL (Oliveira, 2019). A agenda ultradireitista fomentou narrativas de pânico moral aos LGBT+, mulheres, negros, pobres e indígenas, rejeitando as garantias fundamentais da isonomia (Prado, 2021). Também, incita que a “ameaça comunista” e o narcotráfico estão interligados, demandando uma militarização da sociedade semelhante ao passado mítico das ditaduras militares. Diante disso, estimular um perigo iminente para a segurança pública é um dos fatores principais da ultradireita (Lynch; Cassimiro, 2022).

Em suma, o discurso da Onda Marrom une nativismo, autoritarismo, nacionalismo, antidemocracia e fundamentos econômicos da direita radical como soluções para o desenvolvimento regional, além de direcionar ódio às minorias que obtiveram uma ascensão social na Onda Rosa, adicionando um viés de proximidade com o “cidadão de bem” esquecido pelo *establishment*, visto que é importante manter uma conexão carismática. As lideranças políticas ultradireitistas, ao mascarar seus valores, vendem-se como conservadores neoliberais para atrair as classes dominadas-dominantes, adotando versões antidemocráticas do capitalismo. Ademais, o elemento religioso se espelha no cristianismo como núcleo dos valores tradicionais da família patriarcal heteronormativa, o que gera a aversão pelo que difere desse padrão (Oliveira, 2019).

O Quadro a seguir sintetiza as três ondas ideológicas que passaram pela América Latina durante o século XXI e suas particularidades.

Quadro 3 – Síntese das três ondas ideológicas da América Latina na primeira metade do século XXI

	Onda Rosa	Onda Azul	Onda Marrom
Síntese	Surge da insatisfação popular com o fracasso do neoliberalismo e a crescente desigualdade. Propõe visões voltadas para a sociedade, políticas públicas para minorias e populações vulneráveis, geração de empregos, aumento do funcionalismo público e redução das desigualdades. Declinou com a Crise de 2008, o fim do boom das commodities e as instabilidades na estrutura de poder político.	Surge do discurso do neoliberalismo enquanto solução para o desenvolvimento pleno da AL. Propõe privatizações de empresas estatais, diminuição de impostos, fim de benefícios sociais, defende pressupostos meritocráticos e o Estado mínimo. Conviveu com o início da Onda Marrom, mas declinou devido à crescente popularidade das soluções populistas trazidas pelos líderes ultradireitistas.	Surge do contexto internacional do trumpismo e da radicalização social promovida por atores da ultradireita. Propõe soluções rasas para problemas complexos, traduzindo as crises econômicas e políticas da região em problemas morais trazidos pela redução das desigualdades na Onda Rosa. Enxerga o Outro como uma ameaça a ser eliminada (antidemocracia), ao passo que agrega vieses da direita radical econômica. Encontra-se fragmentada regionalmente, mas crescente.
Espectro político-ideológico	Esquerda; centro-esquerda	Direita; centro-direita; neoliberalismo	Ultradireita; populismo de direita radical; ultraconservadorismo; ultraliberalismo
Período	1999-2015	2015-2018	2018-atual

Fonte: Elaborado pela autora com base em Oliveira (2019); Oliveira (2020); Salgado e Sandrin (2021).

No próximo capítulo, o trabalho investiga como a ultradireita na política internacional no século XXI mobilizou informalmente uma espécie de eixo ideológico, visando impedir o isolamento absoluto dos países governados por chefes ultradireitistas e ampliar seu escopo em meio à ordem liberal internacional. O caso do bolsonarismo é emblemático para entender as dinâmicas da Onda Marrom e como um Estado latino-americano alcançou uma centralidade no *hub*. As influências da ultradireita ocidental e a agenda de poder ideológica internacional contribuíram para o Brasil esquadrihar uma política externa complexa e referencial, que rompeu com a tradição de PEB e transformou a reputação brasileira no sistema internacional.

2. O HUB ULTRADIREITISTA EM POLÍTICA EXTERNA

A ultradireita na política internacional passou por diversas nuances desde suas origens, adaptando seu *modus operandi* para se inserir no jogo político exitosamente. A partir do ressurgimento das dinâmicas ultradireitistas no século XXI, com a internet e a grande mídia favorecendo tais vozes, é notório que os resultados dos investimentos ideológicos em plataformas virtuais garantiram um retorno sem precedentes na história da ultradireita. A ascensão de atores, partidos e líderes políticos ultradireitistas em meio a um mundo globalizado e cada vez mais interdependente demandou uma coalizão desses entes para contrapor a ordem liberal internacional, que promove valores repudiados pela ultradireita. Outrossim, a interconexão entre os Estados é um fator que torna o isolacionismo desejado pelos ultradireitistas uma condição distante e criticamente prejudicial, visto que acarreta em perdas significativas no sustento da economia, política e sociedade de um país (Simões; Melo; Silva, 2023; Salgado, 2023).

Sob esse viés, o *hub* ultradireitista foi forjado informalmente a partir dos anos 2010 para assegurar uma proximidade entre os países governados por chefes que se enquadram na ultradireita e buscam perpetuar ideias tradicionalistas e nacionalistas no tabuleiro internacional. Observa-se que tal eixo edificou um *modus operandi* para se relacionar com seus pares e com seus adversários, priorizando a expressão de sua ideologia ao passo que tentam transparecer um viés pragmático na introdução de cosmovisões ultradireitistas – o que é bastante complexo e revela contradição, devido ao caráter agressivo da ultradireita (Guimarães; Silva, 2021). Ao elencar as posições e *networking* do eixo ideológico, o Brasil ocupa um lugar de destaque e representa a Onda Marrom, ilustrando as relações complexas entre os atores de política externa e seus interesses. A diplomacia bolsonarista se baseia na corrente política do bolsonarismo e produz uma versão internacional da cosmovisão formulada desde a ascensão de Jair Bolsonaro, incorporando distintos elementos para captar vários setores da sociedade (Oliveira, 2019; Schutte; Fonseca; Carneiro, 2019).

Durante o governo Bolsonaro, a PEB ultradireitista se articulou conforme a agenda de poder do eixo da ultradireita, abandonando a tradição brasileira para redirecionar os valores do interesse nacional. Contudo, aspectos pragmáticos permaneceram no processo de tomada de decisão, que trabalharam para realizar uma “contenção de danos” ao país diante das posturas dos grupos ideológicos (Saraiva; Silva, 2019).

2.1. *Modus operandi do hub ultradireitista*

No tocante à ultradireita do século XXI, é interessante analisar que a ideologia conseguiu sair da marginalidade política e alcançou o debate público por meio do sensacionalismo da grande mídia e a garantia de plataformas de reverberação da sua narrativa com a popularização da internet (Mudde, 2019). Em consequência disso, a gradual erosão das instituições democráticas pelo avanço da ultradireita no jogo político foi um fenômeno que afetou as principais economias mundiais, em um processo de desglobalização¹⁷ e “fechamento” de fronteiras. As razões colocadas pelo discurso ultradireitista para captar eleitores e seguidores consistiu numa manipulação discursiva que teve o intuito de traduzir problemas políticos e econômicos em uma grande crise moral supostamente desencadeada pela esquerda progressista, o “marxismo cultural” e o cosmopolitismo (Norris; Inglehart, 2019; Levitsky; Ziblatt, 2018).

Os desdobramentos internacionais dessa “guerra cultural” desaguam numa insatisfação do populismo de direita radical com a ordem internacional liberal e com as organizações intergovernamentais, que seguem na contramão dos princípios da ultradireita. O diversificado intercâmbio cultural, o avanço dos direitos de populações que sofrem preconceitos devido à fatores históricos e de desigualdades estruturais e o empoderamento desses grupos, bem como o fenômeno do Estado assistencialista em alguns países aglutinou uma reação de oposição a essa conjuntura, apontando a política externa como um campo de mudanças favoráveis ao *establishment* e prejudiciais ao “cidadão de bem” da nação (Sanahuja; Burian, 2020). Dessa forma, a perspectiva de pertencer a um bloco sócio-histórico específico – nesse caso, o Ocidente – que já alcançou sua época dourada e agora está a caminho do declínio frente às mudanças potencializadas pelos políticos progressistas faz emergir a idealização de uma ordem internacional ligada aos postulados ultradireitistas, nos moldes do populismo de direita radical (Araújo, 2017).

Na ótica da ultradireita ocidental, a ordem internacional liberal é liderada por políticos e empresários com interesses perversos. O cosmopolitismo defendido supostamente esconde uma agenda de poder que afasta o Ocidente do seu “passado glorioso”, através de fatores como: a abertura de fronteiras e “substituição” da cultura branca; a queda do sentimento nacionalista; e o estímulo à construção de uma sociedade mais igualitária. Nesse sentido, a difusão cultural, o aumento da violência e criminalidade, a instabilidade econômica frequente

¹⁷ A desglobalização é um movimento político, econômico e social de retração da interdependência e da integração entre países, o que desestimula a imigração, o multilateralismo e o comércio internacional em prol de medidas mais protecionistas (Charleaux, 2016).

e a ocupação de espaços de poder por mulheres, pessoas negras e LGBTQs são vistos como resultado de uma política externa que apoia a destruição dos valores ocidentais – hierarquias sociais de poder, heteronormatividade e moralidade cristã (Stanley, 2018; Sanahuja; Burian, 2020; Jesus, 2022). As instituições multilaterais, nessa perspectiva, são instâncias onde o *establishment* internacional propaga vieses progressistas e respondem apenas aos interesses “marxistas” da modernidade, supostamente apoiando ideias comunistas (Salgado, 2023). Além disso, atribuem às organizações uma postura de violadora da composição westfaliana dos Estados, uma vez que se portam como entidades supranacionais que relativizam a soberania nacional (Mudde, 2019).

Tais acusações emanam de teorias da conspiração e se propõem a consolidar um pânico moral anti-esquerda e anti-progresso, em prol da disseminação dos valores morais ultradireitistas como edificadores de dinâmicas sociais e políticas que respeitam a família tradicional, o patriarcado, a branquitude, a economia capitalista e o cristianismo, postulados engajados pelos grupos privilegiados (Prado, 2021). Ao interpretar negativamente o arcabouço de ideias que a ordem liberal internacional representa, o *hub* ultradireitista surge na política externa para fazer um contraponto. A partir da crescente ascensão da ultradireita no século XXI, surgiu uma demanda para que fosse alinhado um eixo ideológico a fim de aproximar os países liderados por políticos ultradireitistas. Apesar de ser uma aliança forjada devido à heterogeneidade de atores e Estados inseridos neste grupo, a conjuntura tornou necessária a construção de uma coalizão internacional para fortalecer a ultradireita diante da ordem liberal (Orellana; Michelsen, 2019; Lima, 2023).

A política externa da ultradireita é essencialmente isolacionista e nacionalista, na qual é estabelecida uma atmosfera hostil nas relações com outros países, fomentando teorias da conspiração paranóicas acerca do comportamento dos atores do sistema internacional. O sentimento de não pertencer à comunidade internacional e sim à própria nação emergiram variantes do slogan trumpista *America first*, que prioriza as questões morais da nacionalidade em detrimento de problemas socioeconômicos (Sanahuja; Burian, 2020). Segundo Araújo (2017), a modernidade progressista “adoeceu” a verdadeira essência da nação ocidental, e é sobre essa temática que a política externa deve se encaminhar para conduzir o Estado à sua época gloriosa novamente, firmando oposição ao cosmopolitismo da ordem liberal internacional. Todavia, em um mundo globalizado e cada vez mais interdependente, torna-se impossível que o isolacionismo de um governo ultradireitista seja absoluto. É necessário que exista algum tipo de interação que proporcione ganhos. Visto que a hostilidade ultradireitista condiciona ao isolamento, a formação de um eixo ideológico de países se propõe a garantir a

sobrevivência estatal através de uma cosmovisão compartilhada que resulta em políticas públicas, arranjos e alinhamentos embasados no imaginário da ultradireita (Orellana; Michelsen, 2019; Guimarães; Silva, 2021).

A partir dessa perspectiva, torna-se imprescindível analisar a influência da ideologia em política externa, que condiciona as decisões por meio de valores e princípios (Perissinotto; Stumm, 2017). As ideias importam, constituem e conduzem a política, delineando as preferências dos atores ao longo da estratégia para garantir seus interesses. Os processos decisórios induzem e são induzidos pelas distintas cosmovisões existentes entre os políticos, que são definidas através do arcabouço ideológico adotado pelos partidos, sindicatos e associações que participam da tomada de decisões nas negociações internacionais (Schutte; Fonseca; Carneiro, 2019). Helen Milner (1997) revela que os interesses, preferências e objetivos representam um quadro de referência específico de cada ator, moldado ao longo de experiências, princípios adotados e métricas morais. Em suma, seus interesses pensados a partir de um sistema de valores são reverberados em suas preferências e possuem o intuito de trazer sucesso aos seus objetivos (Milner, 1997). O eixo da ultradireita é um exemplo de como uma ideologia pode se desenrolar na orientação da política externa e fomentar certas coalizões.

O *hub* ultradireitista é uma coalizão de países governados por líderes da ultradireita para resistirem aos valores da ordem liberal internacional e evitar um potencial isolamento absoluto. Sob esse prisma, o eixo movimenta sua política externa através da promoção de sua ideologia, tecendo relações especiais e celebrando acordos específicos de teor ultradireitista (Orellana; Michelsen, 2019; Guimarães; Silva, 2021). Do contrário, os “inimigos” do *hub* são enxergados como países e atores com interesses nocivos e índole perigosa. A percepção de um jogo de soma zero agrava a hostilidade ultradireitista com o “inimigo”, rotulado como uma ameaça a ser eliminada – aqui, são explicitados discursos xenofóbicos, antidemocráticos e racistas (Mudde, 2019).

O nativismo do binômio “Nós *versus* o Outro” visa dividir o “cidadão de bem” da nação e os “intrusos” de Estados “inimigos”, além dos políticos do *establishment* que “colaboram” com essa deturpação doméstica. A ultradireita insiste na narrativa de que existem atores internacionais interessados em colapsar os valores tradicionais em prol da modernidade, defendendo conspiracionismos sobre a elaboração de “governos mundiais” marxistas pelas instituições multilaterais e sociedades secretas de famílias multimilionárias (Guimarães; Silva, 2021; Jesus, 2022). Por conseguinte, faz-se necessário a solidificação para um Estado forte que defenda a nação e desconfigure a democracia liberal (Mudde, 2019).

Consolidar uma política externa de ultradireita também é favorável domesticamente para os atores do eixo ideológico, pois fidelizam seu núcleo duro eleitoral e legitimam suas posturas dentro do Estado (Schutte; Fonseca; Carneiro, 2019).

O globalismo é a principal teoria da conspiração fomentada pela ultradireita no século XXI, que sustenta o populismo de direita radical. O fenômeno da globalização, na ótica do *hub* ultradireitista, possibilitou fatores que culminaram em uma crise moral, e os líderes políticos que prezam pelos valores tradicionais de família, sociedade e economia devem se unir a nível interestatal (Mudde, 2019). Guimarães e Silva (2021) discorrem sobre como o alinhamento de conexões ultradireitistas na política externa constituem uma oportunidade para que o populismo de direita radical exerça influência internacional, mesmo que de modo forjado devido ao alto grau de heterogeneidade do eixo ideológico. Observa-se que existem procedimentos e posturas diferentes no diálogo entre países com líderes ultradireitistas e seus pares ou seus “inimigos”, que são definidos como identidades assumidas para cada interação.

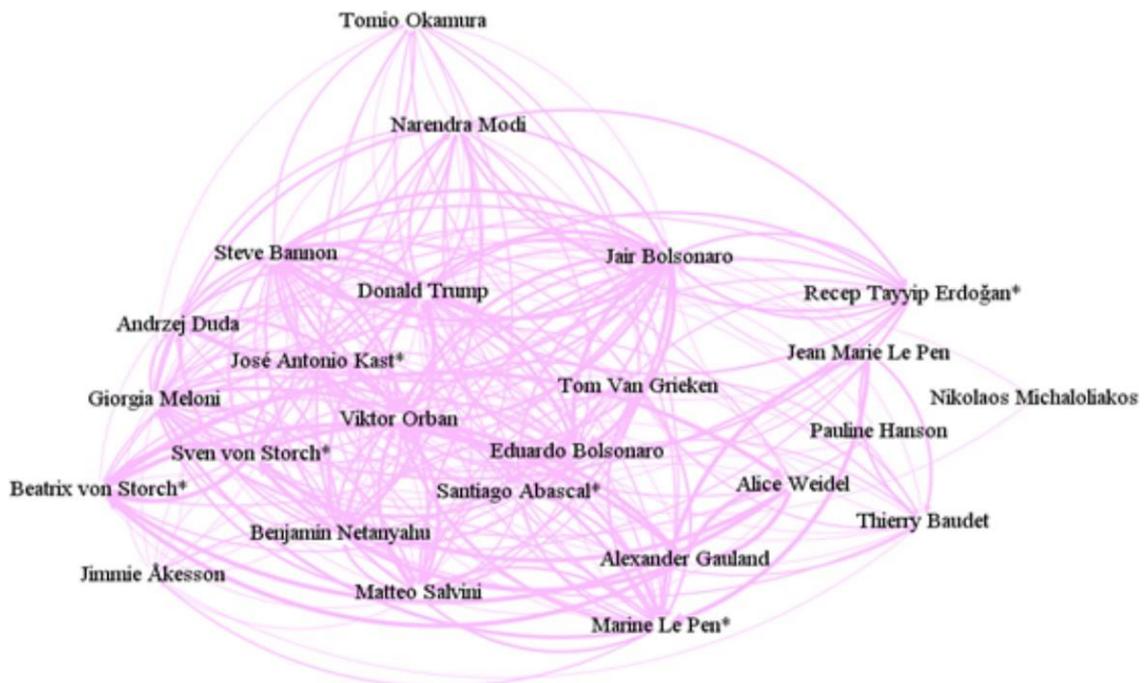
A identidade densa é incorporada dentro do *hub* ultradireitista, no qual abraçam suas similaridades ideológicas para se posicionar contra os “perigosos” adversários. Tal conjunto de atitudes são condicionadas pela defesa à soberania e ao modelo westfaliano, na qual as instituições internacionais supostamente trabalham para dismantelar. A partir do nacionalismo, antiglobalismo e a retórica anti-inimigo, a identidade densa produz acordos ideológicos, estreitamento forjado de relações não-convencionais em alguns casos, recrutamento de atores ou partidos políticos domésticos de outros países e a condução da política externa de acordo com os princípios ultradireitistas – que vão na contramão dos Direitos Humanos e pretendem manipular o *establishment* internacional (Guimarães; Silva, 2021).

Já a identidade tênue é usada pelos líderes de Estado ultradireitistas para conduzir suas interações com os atores de fora da bolha ideológica internacional, bem como seus “inimigos”. Nesse segmento, tendo em vista a diversidade de tomadores de decisão domésticos que influenciam a política externa, as democracias corrompidas pela ultradireita produzem um *modus operandi* hostil e ao mesmo tempo contraditório, pois a incorporação explícita de suas tendências gera danos internos econômicos, políticos e de opinião pública, fazendo com que se utilizem de meios mais amenos de estabelecer um diálogo (Guimarães; Silva, 2021). Ou seja, a identidade tênue se propõe – a princípio – a suavizar o aspecto radical ou extremo da ultradireita, entretanto, sua capacidade para colocar em prática essa interação mais pragmática é interrompida em determinados momentos em prol do viés agressivo da ideologia. Dessa forma, as interações se tornam mais contraditórias e dotadas de decisões que

são retiradas e reformuladas em um curto espaço de tempo (Guimarães; Silva, 2021). Tal volatilidade leva em consideração a esquivança de um isolamento crítico do Estado em contraste com a força de grupos ultradireitistas internos (Orellana; Michelsen, 2019).

Consoante a Simões, Melo e Silva (2023), as conexões ideológicas desempenhadas pelo *hub* ultradireitista são engajadas por diversos atores políticos, com ênfase em chefes de governo específicos, ao exemplo de Benjamin Netanyahu, Narendra Modi, Giorgia Meloni e Jair Bolsonaro. As seguintes posições expõem o potencial de influência de cada personagem dentro do eixo ideológico:

Figura 1 – Conexões ideológicas no *hub* ultradireitista



Fonte: Simões, Melo, Silva (2023).

O gráfico revela os líderes políticos Donald Trump (2017-2020) e Viktor Orbán (2010-atual) dominando as conexões estabelecidas, onde dispõem de um *networking* central na coalizão. É imprescindível inferir que Trump, com o auxílio notável do estrategista de ultradireita Steve Bannon – que também compartilha diversas conexões no gráfico supramencionado –, impulsionou a ideologia por meios virtuais (Simões; Melo; Silva, 2023). Já a escalada de Orbán foi pautada pela manipulação institucional e transformação de valores políticos dentro do aparelho estatal, construindo seu “laboratório ultraconservador cristão” (Mudde, 2019). Conclui-se que os dois atores são os principais do *hub*, no qual são referenciados com frequência, devido aos seus métodos inovadores que definiram a agenda

política da ultradireita. Ao representar a Europa, Orbán é acompanhado de políticos como Andrzej Duda (2015-atual) e Giorgia Meloni (2022-atual). Outros personagens de fora do Ocidente, como os asiáticos Narendra Modi (2014-atual) e Recep Tayyip Erdoğan (2014-atual), embora estejam inseridos nesse seletivo grupo de líderes ultradireitistas, são desprovidos de fortes conexões com os membros centrais, devido à sua cosmovisão oposta à narrativa da civilização ocidental na qual a ultradireita orbita (Simões; Melo; Silva, 2023).

Apesar do gráfico apresentar uma lacuna em relação aos atores ultradireitistas latinos, a América Latina se destaca como o principal continente fora do Ocidente que recebe influência da ultradireita, visto que a Onda Marrom assegurou a ascensão de forças políticas populistas de direita radical, dotadas de uma base eleitoral fiel, apoio de direitistas decadentes e das classes dominadas-dominantes (Oliveira, 2019). Javier Milei, Nayib Bukele e Iván Duque são exemplos de presidentes ultradireitistas latino-americanos que se basearam na agenda ideológica do *hub* para implementar políticas públicas (Raziel, 2023). No caso do Brasil, Jair Bolsonaro e Eduardo Bolsonaro também conquistaram posições privilegiadas no eixo ideológico, uma vez que dispõem de técnicas comunicacionais e um núcleo duro consolidado no eleitorado (Lynch; Cassimiro, 2022).

O governo Bolsonaro construiu uma corrente política própria, o bolsonarismo, que possui suas origens na ascensão da figura de Jair Bolsonaro em meio à “nova direita”, revelada posteriormente como populismo de direita radical. No âmbito internacional, a diplomacia bolsonarista elencou uma série de posturas de política externa que seguem a agenda de poder do eixo ultradireitista. Além disso, é notório o entrelace entre a política doméstica e a política externa durante a gestão Bolsonaro, uma vez que a PEB bolsonarista busca legitimidade ideológica internacional para atrair eleitores e fidelizar seu grupo, como também internalizam a narrativa do *hub* da ultradireita objetivando a elaboração de políticas públicas significativamente enviesadas (Schutte; Fonseca; Carneiro, 2019; Hirst; Maciel, 2022; Salgado, 2023). Em verdade, antes de esquadrihar a dinâmica da diplomacia bolsonarista, é conveniente elucidar o que é o bolsonarismo.

2.2. O caso do Bolsonarismo

A título de conceito, o bolsonarismo é uma corrente política brasileira formulada pelo estilo político de Jair Messias Bolsonaro, Presidente do Brasil entre 2019 e 2022. Todavia, sua escalada até a presidência envolveu múltiplos fatores, sendo os principais o inicial apoio do guru ideológico Olavo de Carvalho e o vácuo de poder a partir do declínio do Partido dos Trabalhadores (PT) com as Jornadas de Junho de 2013, que fortaleceram uma “nova direita”

na política brasileira. Portanto, o grau de complexidade adquirido pelo bolsonarismo advém das subculturas e bolhas que compõem a corrente, tendo em vista que o poder da heterogênea neodireita em ascensão no Brasil se concentrou em apresentar uma nova força política para combater a esquerda petista. Desde comunidades virtuais de adolescentes de humor pejorativo até os grupos que repassam *fake news* no Whatsapp integrados por adultos e idosos, o eleitorado bolsonarista possui uma composição diversa devido ao elemento populista e sua linguagem camaleônica, na qual consegue atrair diferentes setores da população (Prado, 2021; Lynch; Cassimiro, 2022).

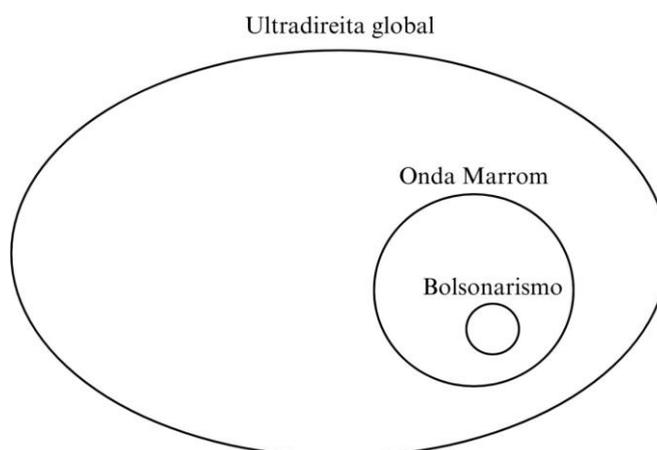
A princípio, o autointitulado filósofo Olavo de Carvalho foi o responsável por introduzir conteúdos da ultradireita no Brasil a partir dos anos 2000, na internet. Desse modo, as teorias da conspiração internacionais e o estímulo à preservação dos valores da civilização ocidental defendidos pelo Tradicionalismo foram disseminados por meio do seu Seminário de Filosofia, que se pautava por oferecer uma cosmovisão inovadora (Prado, 2021). Não obstante, Olavo de Carvalho se encontrava à margem do debate público, onde ganhou força através dos filhos de Bolsonaro, que eram alunos do curso de filosofia online – Flávio, Carlos e Eduardo Bolsonaro. Posteriormente, o fim da Onda Rosa e a insatisfação popular com os governos esquerdistas no Brasil culminou nas Jornadas de Junho de 2013, uma série de protestos organizados pela internet contra medidas petistas que possibilitou um “sequestro” conjuntural por um grupo ideológico até então nomeado de “nova direita”, que incluía desde o Movimento Brasil Livre (MBL) até a popularização dos vídeos de Olavo de Carvalho (Prado, 2021).

Por conseguinte, a ascensão de Jair Bolsonaro no debate público e o apoio de Olavo de Carvalho angariado pelos filhos de Bolsonaro iniciou uma corrida para a presidência antes de 2018, no qual o foco era popularizar a figura de Bolsonaro e agregar um valor ideológico favorável ao cenário político brasileiro (Prado, 2021). As classes dominadas-dominantes e a direita tradicional decadente se utilizaram do momento de fragilidade para formar alianças com o crescente bolsonarismo, que se vendeu como *outsider* do jogo político – uma espécie de *outsider* controversa, visto que Bolsonaro esteve presente no *establishment* desde o fim da Ditadura (Lynch; Cassimiro, 2022). O financiamento de organizações de direita radical direcionado a *think tanks* e movimentos, a construção de comunidades de potenciais eleitores e o discurso baseado em elementos racistas, nacionalistas, ultraconservadores e antidemocráticos tornou possível o bolsonarismo, que também é provido de variáveis específicas, ao exemplo da aporofobia, pânico moral contra LGBTs, antipetismo, negacionismo e a crença em métodos econômicos libertários combinados com um Estado

autoritário (Rocha, 2018; Lynch; Cassimiro, 2022). A grande mídia e a internet foram responsáveis por disseminar as ideias bolsonaristas, especialmente em um contexto no qual o *mainstream* midiático brasileiro se encontrava dotado de um forte antipetismo (Prado, 2021).

O tabuleiro internacional também se encontrava positivo para o crescimento da “nova direita”, ou populismo de direita radical, com a vitória de Donald Trump, que influenciou substancialmente o bolsonarismo com o trumpismo – ler 1.2. e 3.1.1. O movimento de desglobalização e euroceticismo na Europa, a passagem da Onda Azul para a Onda Marrom na América Latina e a formação gradual de um eixo ultradireitista na política internacional foram nuances benéficas para a figura de Bolsonaro, que venceu as eleições presidenciais em 2018 (Oliveira, 2019; Sanahuja; Burian, 2020). A figura abaixo demonstra como o bolsonarismo está contido na dinâmica da Onda Marrom, que é um produto da ascensão da ultradireita global no século XXI.

Figura 2 – Posição dos fenômenos perpetuados pela ultradireita global



Fonte: Elaborado pela autora com base em Mudde (2019), Oliveira (2019) e Prado (2021).

Em vista disso, o governo Bolsonaro estabeleceu bases cada vez mais sólidas para colaborar com um projeto de poder no qual contou com uma política externa proativa. A defesa da ultradireita, através do populismo de direita radical, moldou a diplomacia bolsonarista e rompeu com a tradição de PEB, em favor do reposicionamento brasileiro no sistema internacional para sua inserção no *hub* ultradireitista. O tópico a seguir destrincha a organização da PEB na gestão Bolsonaro e detalha o *modus operandi* dos grupos que gerenciaram a tomada de decisão.

2.3. O populismo de direita radical na Política Externa Brasileira

A ultradireita atuou na PEB do governo Bolsonaro através do *modus operandi* do populismo de direita radical. A essência de sua condução gira em torno de um arcabouço ideológico que prega uma cosmovisão conspiracionista, expressando discursos racistas, xenofóbicos, LGBTfóbicos e misóginos em prol da “volta dos costumes tradicionais” da família patriarcal (Schutte; Fonseca; Carneiro, 2019). O progresso conquistado por tais grupos em questão de direitos civis e políticos é criticado como uma deturpação dos valores ocidentais auxiliada pela esquerda e pelo *establishment*, provocadores de uma “guerra cultural” que supostamente poderá colapsar o Ocidente. Dessa forma, o caso do bolsonarismo como influenciador da PEB demonstra as influências da ideologia nas decisões de política externa, uma vez que aspectos cognitivos também estão presentes para moldar o quadro de referência do comportamento político (Schutte; Fonseca; Carneiro, 2019).

A partir disso, a diplomacia bolsonarista deturpou os postulados de relações internacionais consolidados na Redemocratização através da Constituição de 1988, causando um rompimento nas tradições discursivas, posturas diplomáticas e cultivando parceiros não-tradicionais de PEB por motivações ideológicas (Vidigal, 2019). Por conseguinte, as relações comerciais e de cooperação estabelecidas a longo prazo pelo Brasil foram negligenciadas, o que revelou, posteriormente, um prejuízo para a reputação e economia brasileiras (Vidigal, 2019; Jesus, 2022). A retórica histórica brasileira edificada desde a célebre gestão diplomática do Barão do Rio Branco, no início do século XX, consiste na evolução do conceito de autonomia, que se modificou ao longo do tempo como um padrão que “[...] move-se em oscilações ora tendente a mais autonomia, ora a menos, mas é garantida no tempo, no meio.” (Saraiva, 2014, p. 10), assegurando um aspecto de continuidade na postura de PEB, rompida severamente no período Bolsonaro (Spektor, 2019).

Na Nova República, a Constituição Federal norteia os princípios de política externa brasileira em seu artigo 4, onde são enfatizados o multilateralismo, a solução pacífica de controvérsias e a autodeterminação dos povos (Brasil, 2016). Além disso, a busca por parceiros comerciais diversificados foram explicitadas nas posturas de participação ativa nas instâncias multilaterais; a proximidade com a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), África e América Latina; o reconhecimento da China única e a valorização do comércio sino-brasileiro; o protagonismo em iniciativas com atores do Sul global; o pragmatismo ao lidar com as pressões regionais dos EUA; e o apoio à construção do Estado palestino (Altemani, 2005; Herz, 2022). O discurso do Brasil consolidou duas vias do

pensamento da autonomia: a partir da integração (Vigevani; Oliveira; Cintra, 2003) ou da diversificação (Cepaluni; Vigevani, 2007). Apesar de divergirem em questão de focos diplomáticos estratégicos, partem do mesmo pressuposto da autonomia, condição relevante para a manutenção da continuidade da tradição de PEB no período da Nova República brasileira.

A gestão Bolsonaro foi construída a partir de sustentáculos que objetivaram viabilizar um projeto de poder conforme o eixo ultradireitista, em paralelo com a Onda Marrom, fenômeno resultante da ascensão da ultradireita na América Latina. Através do populismo de direita radical, as pautas conspiracionistas levantadas domesticamente também foram projetadas na política externa brasileira, forjando um alinhamento com os países governados por figuras da ultradireita global (Oliveira, 2019; Spektor, 2019). Com efeito, temáticas voltadas para a “ideologia de gênero”¹⁸, a guerra contra o “marxismo cultural”, o reforço de uma moral ultraconservadora e violenta, bem como posições radicais quanto à economia, se encontram nas principais discussões e planejamentos dos Estados do *hub* ultradireitista (Lynch; Cassimiro, 2022). Sob esse viés, destaca-se o papel das tecnologias midiáticas e de financiadores de manipulação da opinião pública na manutenção de um núcleo duro do eleitorado bolsonarista, além da visibilidade alcançada pela PEB como uma política pública utilizada estrategicamente para consolidar uma base eleitoral no âmbito interno e adentrar ao eixo da ultradireita na política internacional (Mudde, 2019; Schutte; Fonseca; Carneiro, 2019).

Destarte, é notório que há uma ruptura com a tradição de PEB solidificada no pós-redemocratização, desviando criticamente da imagem do Brasil enquanto um “conciliador”. O caráter isolacionista presente na gestão da política externa dos governos ultradireitistas demanda que seja forjada uma coalizão que busque prover um grau de legitimidade na esfera doméstica, enquanto o *hub* se coloca numa missão de criticar as consequências da globalização e o viés neoinstitucionalista liberal das organizações, pregando a primazia de cosmovisões nacionalistas e tradicionalistas religiosas em contraste com o cosmopolitismo laico (Spektor, 2019; Hirst; Maciel, 2022).

As estruturas do trumpismo foram essenciais na edificação do bolsonarismo, onde não só Donald Trump contribuiu para fomentar a narrativa ultradireitista, como também seu ex-estrategista chefe Steve Bannon, figura que desenhou o alinhamento da ultradireita global,

¹⁸ A “ideologia de gênero” é um termo de teor pejorativo usado por direitistas radicais para designar os estudos de gênero, feminismo e sexualidade. As teorias da conspiração que envolvem tais estudos e a suposta “imposição” de orientações sexuais na sociedade objetivam criar pânico moral e ansiedade sexual (Herz, 2022).

tentando projetar suas ideias na Europa e na América Latina (G1, 2020; Prado, 2021). As bases do bolsonarismo em PEB traçaram um alinhamento submisso do Brasil ao governo Trump, que não trouxe frutos relevantes e contribuiu para um maior isolamento do país. Nesse ínterim, a política externa brasileira de Jair Bolsonaro abandona os parceiros convencionais do Brasil e prioriza países ocidentais e líderes ideológicos semelhantes, empenhando-se também na proximidade com personalidades internacionais do imaginário ultradireitista (Jesus, 2022; Lynch; Cassimiro, 2022).

Outrossim, faz-se necessário analisar que, apesar de Bolsonaro não ser a figura central do *hub* ultradireitista, ainda possui um significativo número de conexões, aproximando-se de países como Hungria, Israel e Polônia (Simões; Melo; Silva; 2023, p. 9), além de traçar parcerias com membros de partidos ultradireitistas europeus, incluindo o Vox, o Chega e o Alternativa para a Alemanha (AfD) (Mazui, 2021; Schmidt, 2022; Caetano, 2024). Ao priorizar a fortificação de laços ideológicos com o Norte global, foram promovidos encontros informais e reuniões bilaterais que, por vezes, ocorreram paralelamente a eventos multilaterais, simbolizando o isolamento voluntário da ultradireita internacional e a construção de uma agenda de poder que leva em consideração aspectos vitais da ideologia, a partir de vieses iliberais (Chade, 2022). Não obstante, visto que o Brasil passou a privilegiar relações com atores não-convencionais de política externa, é primordial expressar o baixo impacto destes em ganhos estratégicos ou comerciais, não só ao longo da tradição de PEB, como também durante o período Bolsonaro (Ibidem).

A diplomacia bolsonarista é dividida em três núcleos onde sofrem influências mútuas, o que torna o bolsonarismo um movimento além da figura de Jair Bolsonaro, captando diversos setores da sociedade para um aglomerado de bolhas que convergem entre si (Hirst; Maciel, 2022). Sendo assim, o núcleo ideológico, o núcleo econômico e o núcleo militar são três frentes que agiram ativamente e agregaram com complementaridade na elaboração da PEB, almejando conquistas para seus próprios segmentos. A ultradireita exerce uma força considerável nas ações dos três grupos, uma vez que tal ideologia é composta por correntes heterogêneas e possui a capacidade de coexistir com suas contradições. Apesar disso, faz-se necessário analisar que a tríade é dotada de interesses distintos e enxergam as agendas ultradireitistas em graus diferentes de prioridade, fator que ocasionalmente culminou em disputas que fragmentaram e eliminaram atores da gestão (Spektor, 2019).

O núcleo ideológico ou olavista é o principal grupo da PEB bolsonarista, uma vez que afinca sua cosmovisão nos demais setores, gerindo a manutenção do *modus operandi* ultradireitista. Liderado por ex-alunos de Olavo de Carvalho, como Ernesto Araújo, Filipe

Martins e Eduardo Bolsonaro, tais figuras transformam o Ministério das Relações Exteriores na principal plataforma institucional da ultradireita se comparado com os outros núcleos, que exercem uma função mais pragmática face ao grau de ruptura do discurso da PEB. Nesse sentido, o caráter nativista de apontar a existência de um inimigo é absorvido, intitulado a China como a maior rival do Ocidente, em conjunto com o mundo islâmico (Schutte; Fonseca; Carneiro, 2019).

A narrativa de restauração dos valores ocidentais do medievo, inserindo erroneamente o Brasil nesse grupo seletivo de Estados, é expressa por Araújo (2017) em arcabouços nativistas e reacionários, que exaltam Donald Trump como um personagem chave para o resgate da ordem, das hierarquias, da fé cristã e do nacionalismo, elencando também a Igreja Católica como a única instituição capaz de “salvar” o modo de vida tradicional, no qual inclui toda uma realidade de poder estruturada em etnia, nação e gênero. Em verdade, a diplomacia bolsonarista abandona os pilares da PEB e se coloca na guerra cultural contra o “marxismo cultural” ao lado do *hub* ultradireitista, priorizando uma suposta crise moral existente no sistema internacional que deságua para dentro dos Estados ocidentais. Sob esse prisma, há uma percepção negativa sobre a globalização como um fenômeno que degradou a tradição ocidental, com o auxílio de governos progressistas e grupos minoritários por meio do politicamente correto e da abertura de fronteiras, proporcionando o “indesejado” multiculturalismo e a ansiedade econômica (Herz, 2022). Os setores evangélicos e católicos ultraconservadores contribuíram significativamente para fomentar a narrativa tradicionalista.

Em segundo lugar, o núcleo econômico combina noções econômicas radicais com plataformas autoritárias e é articulado pelo Ministro da Economia Paulo Guedes, direcionado a um seletivo grupo de empresários e indivíduos simpatizantes de perspectivas direitistas radicais na economia, ao exemplo do libertarismo e anarcocapitalismo, ideologias incentivadas por *think tanks* do Norte global com o intuito de influenciar a opinião pública em favor de tais cosmovisões (Rocha, 2018; Herz, 2022). Guedes, um Chicago boy, empenhou esforços para desenvolver uma política econômica voltada para a liberdade extrema dos mercados e abertura comercial, privatizações e concessões, autonomia do Banco Central e utilização do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) em pautas de PEB (Spektor, 2019).

As visões da direita radical econômica englobam um viés de desprezo ao Estado social, especificamente no tocante aos benefícios ofertados para os grupos vulneráveis, prezando pela meritocracia por meio de argumentações simpatizantes do darwinismo social, que explicitam uma mentalidade aporofóbica, racista e misógina (Herz, 2022). Portanto, as

contribuições ultradireitistas ao núcleo econômico se propuseram a conciliar ultraliberalismo e iliberalismo, priorizando tendências radicais de abertura da economia ao passo que mantém uma estrutura de poder favorável aos interesses das classes dominadas-dominantes e aos valores morais tradicionais (Ibidem). Trata-se de um estilo de vida apático aos problemas sociais e que sofre uma histeria ao notar a ascensão desses grupos marginalizados, traduzindo suas ansiedades de status quo pela expressão de intolerâncias intrínsecas à estrutura social em estado de adormecimento.

O núcleo militar solidifica seus interesses a partir da busca por prestígio, influência e valorização dos recursos militares em meio a uma percepção de mundo hobbesiana, que demanda a construção de vieses geoestratégicos para eliminar as ameaças sofridas pelo Estado (Hirst; Maciel, 2022). Ademais, o teor ultradireitista acompanha o núcleo através do apelo à ordem e aos costumes, a tradição de uma sociedade hierarquizada baseada na autoridade e a demonstração da força como elemento de poder estabelecido em todas as relações. A opressão às classes minoritárias resulta da percepção desta como uma ameaça a ser eliminada em prol da manutenção do status quo dos grupos privilegiados, no qual dispõe de violência em suas várias camadas (Lynch; Cassimiro, 2022). Nesse contexto, a Ditadura Militar é o período referencial do núcleo militar, que proporciona um saudosismo somado a uma ambição de restaurar essa “época dourada”, embora não seja um consenso absoluto no círculo militar o desejo por uma intervenção no aparelho estatal (Ibidem).

A partir dessa cosmovisão, os militares ocuparam diversas posições estratégicas no funcionalismo público do governo Bolsonaro, incluindo a vice-presidência, com o general Hamilton Mourão, e o Gabinete de Segurança Institucional, comandado pelo general Augusto Heleno. Durante a gestão, cerca de 40% dos ministérios foram liderados por militares, e a sua presença também se fez ativa em 1/3 de cargos ocupados por militares de alta patente, além de exercer um total de participação de 39% em cargos civis do Estado (Spektor, 2019; Hirst; Maciel, 2022). A influência do grupo militar garantiu o elemento ultradireitista através de um revisionismo histórico acerca da Ditadura, não só no engajamento da “guerra cultural”, mas também na manutenção das pautas de segurança pública e nacional, desenvolvendo um aspecto militarizado da sociedade, que abre margem para o pensamento de eliminação urgente do inimigo do “cidadão de bem” (Lynch; Cassimiro, 2022). Ao longo do período Bolsonaro, uma vez que os processos democráticos sofreram uma erosão, os militares se utilizaram de interpretações enviesadas do artigo 142¹⁹ da Constituição, mobilizadas pelo jurista Ives

¹⁹ O art. 142 da Constituição Federal de 1988 discorre que: “As Forças Armadas, constituídas pela Marinha, pelo Exército e pela Aeronáutica, são instituições nacionais permanentes e regulares, organizadas com base na

Gandra Martins, para legitimar intervenções militares aos *checks and balances* do Estado, argumentação que foi sustentada posteriormente na tentativa de golpe de Estado articulada após as eleições presidenciais de 2022 (Teixeira, 2024).

A tabela a seguir apresenta uma síntese dos núcleos da diplomacia bolsonarista e suas principais influências. Apesar de divergirem no horizonte de interesses e potencialmente entrarem em conflito em determinadas ocasiões, sua estrutura em comum nas bases do bolsonarismo permitem a ação ativa de elementos ultradireitistas na orientação de cosmovisões (Spektor, 2019).

Quadro 4 – Síntese dos três núcleos que gerenciaram a diplomacia bolsonarista

	Núcleo ideológico	Núcleo econômico	Núcleo militar
Influências	Religiosidade cristã: neopentecostais e católicos ultraconservadores; Movimento pró-armas; Monarquismo; Antipetismo; Anticomunismo; Nacionalismo; Tradicionalismo.	Neoliberalismo; Anarcocapitalismo; Libertarismo; Minarquismo; Anticomunismo;	Militarismo; Nacionalismo; Movimento pró-armas; Anticomunismo.
Objetivo	Consolidar uma política interna e externa de acordo com o <i>hub</i> ultradireitista, traçando relações mais estreitas com membros dessa coalizão. PEB extremamente ideológica e sem pragmatismo na condução de suas posições.	Assimilar ideias econômicas de direita e direita radical para o Brasil, implementando vieses libertários através do afastamento entre Estado e mercado. Aflorar uma mentalidade meritocrática para findar o Estado assistencialista. Os atores mais pragmáticos tentaram conter os danos de PEB trazidos pelo núcleo ideológico, que também reverberaram negativamente na economia brasileira.	Elevar o poder das forças militares na política interna e externa. Embora seja um dissenso, alguns militares desejavam tomar o Estado por meio de um golpe, semelhante à Ditadura de 1964-1985, chegando a planejar o evento em 2022. Em oposição, a ala mais pragmática do núcleo buscou realizar uma contenção de danos em certas situações, para tentar evitar o fatídico isolamento brasileiro.

hierarquia e na disciplina, sob a autoridade suprema do Presidente da República, e destinam-se à defesa da Pátria, à garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem.” (Brasil, 2016). A interpretação de Gandra sustenta que as Forças Armadas podem ser usadas como um poder moderador entre os *checks and balances*, quando estes estiverem em desequilíbrio (Teixeira, 2024).

Atores	Ernesto Araújo Eduardo Bolsonaro Filipe Martins Damares Alves Michelle Bolsonaro Abraham Weintraub	Paulo Guedes Ricardo Salles Tereza Cristina Corrêa	Augusto Heleno Hamilton Mourão Walter Braga Netto
---------------	---	--	---

Fonte: Elaborado pela autora com base em Spektor (2019) e Hirst e Maciel (2022).

Todavia, uma das variáveis que torna a postura de política externa do governo Bolsonaro controversa e dotada de rupturas é a crescente fragmentação ocorrida ao longo da gestão devido à heterogeneidade do pensamento ultradireitista entre os núcleos, o que coloca a diplomacia bolsonarista em uma “disputa” entre pragmáticos e ideológicos. A influência da ultradireita, em diversos momentos, é expressada em diferentes graus entre os atores que compõem os núcleos da PEB de Bolsonaro, culminando em episódios nos quais as posturas de atores mais ideológicos possuem seus esforços frustrados por personalidades mais pragmáticas, pois enxergam as consequências desastrosas de algumas propostas (Saraiva; Silva, 2019).

A divisão entre atores ideológicos e atores pragmáticos na condução da PEB, no qual estão distribuídos entre os três núcleos, revela uma diplomacia controversa e vexaminosa, onde situações entreguistas precedem tentativas de contenção de danos, no propósito de frear possíveis retaliações comprometedoras à integridade brasileira (Saraiva; Silva, 2019). O pragmatismo de algumas figuras da PEB bolsonarista, como o vice-presidente e militar Hamilton Mourão, é derivado da contradição entre identidade densa e identidade tênue, no qual o caráter ultradireitista é mais explícito e reforçado (denso) em negociações com membros do *hub* da ultradireita global, em contraste com a forma mais paradoxal (tênue) de lidar com Estados não-participantes desse eixo ideológico (Guimarães; Silva, 2021).

Durante o governo Bolsonaro, atores ideológicos que excederam parâmetros e prejudicaram criticamente o Brasil através do pensamento ultradireitista – Ernesto Araújo, Filipe Martins, Ricardo Salles e Abraham Weintraub são alguns exemplos – foram substituídos por figuras mais pragmáticas, com o fito de inibir o isolacionismo imposto ao Brasil pela sua participação no eixo ultradireitista (Spektor, 2019; Jesus, 2022). Em outros episódios, atores pragmáticos tentaram desfazer decisões tomadas por atores ideológicos, em resposta a pressões de vários setores domésticos. Sob tais circunstâncias, observa-se que a “contenção de danos” realizada em determinados momentos se deram de modo mais urgente em resposta a potenciais ameaças à economia brasileira, ao passo que decisões em matéria político-ideológica feitas pelo núcleo ideológico foram mais flexibilizados, apesar de terem

sido igualmente destrutivos para a reputação do Brasil perante a comunidade internacional (Saraiva; Silva, 2019; Jesus, 2022).

A seguir, o trabalho investiga alguns esforços de PEB da gestão Bolsonaro, com destaque para o núcleo ideológico, que se utiliza do populismo de direita radical na construção de uma agenda específica de poder, como produto da ascensão da ultradireita no cenário internacional. A política externa brasileira foi um caminho explorado com frequência no governo bolsonarista, objetivando assegurar sua base eleitoral a partir da radicalização política e consolidação de um diálogo com o *hub* ultradireitista internacional (Schutte; Fonseca; Carneiro, 2019).

3. A DIPLOMACIA IDEOLÓGICA BOLSONARISTA (2019-2022)

A política externa do governo de Jair Messias Bolsonaro, entre 2019 e 2022, é compreendida como um produto das dinâmicas internacionais de ascensão da ultradireita, nas quais impactaram o jogo político externo a partir da rejeição à ordem vigente e a aproximação relativa de atores ultradireitistas em um eixo ideológico de proporções transnacionais. O *hub* da ultradireita defende a construção de uma ordem internacional aos moldes tradicionalistas e anti-cosmopolitas, ao redesenhar posturas antidemocráticas, xenófobas, racistas, nacionalistas e fomentar um apelo por um Estado forte (Mudde, 2019). Diante dessa perspectiva, os personagens do eixo ultradireitista buscam promover conexões entre si, na tentativa de fortalecer seu projeto político e consolidá-lo na dinâmica externa, celebrando compromissos e articulando encontros a fim de discutir tópicos relevantes nos espaços ultradireitistas (Guimarães; Silva, 2021).

O fenômeno da ascensão da ultradireita no século XXI também atingiu a América Latina, através das características e motivações expostas no capítulo 1. A oscilante Onda Marrom surge da movimentação ultradireitista no continente, onde o bolsonarismo se destaca como o maior representante latino-americano da ideologia (Oliveira, 2019; Lynch; Cassimiro, 2022). Bolsonaro alcançou o poder presidencial após uma sequência de fatores domésticos, regionais e internacionais favoráveis ao seu mandato, no qual culminou na elaboração de uma política externa ligada ao modo populista de direita radical praticado internamente. A diplomacia bolsonarista visou obter ganhos eleitorais, consolidar o núcleo duro do bolsonarismo e promover uma agenda de poder nos moldes do *hub* ultradireitista, se aproximando de figuras centrais da ideologia, ao passo que provocou uma ruptura na tradição de PEB (Schutte; Fonseca; Carneiro, 2019; Hirst; Maciel, 2022).

O consequente isolacionismo brasileiro se deu pela transformação na postura diplomática da PEB ultradireitista, que negligenciou significativamente determinados parceiros em prol de consolidar uma afinidade com atores do eixo da ultradireita internacional, resultando em um prejuízo econômico, político e diplomático para o Brasil (Jesus, 2022). Ao longo do capítulo, serão analisadas as relações brasileiras com o *hub* ideológico e seus “inimigos” – como são enxergados os opositores ideológicos da ultradireita –, destacando países e regiões que obtiveram interações mais ativas; em seguida, observa-se o empenho brasileiro em celebrar acordos estritamente ideológicos, buscando estreitar relações com a ultradireita internacional e “substituir” parceiros estratégicos; já a última seção se dedica a expor a institucionalização do negacionismo nas áreas de saúde

global, durante a pandemia de COVID-19, e na questão ambiental, que causou uma enorme repercussão internacional.

3.1. Relações com o *hub* ultradireitista e os "inimigos" da coalizão

Durante a gestão presidencial de Jair Bolsonaro, a política externa assumiu um caráter de fragmentação na história do país, em relação à tradição diplomática estável. Ao romper com os princípios brasileiros de relações internacionais escritos em Constituição e os esforços empreendidos para exercer influência como um global player, o novo foco de PEB se voltou para colaborar com a agenda do eixo da ultradireita internacional e mobilizar grupos domésticos de poder para impulsionar o Brasil externamente diante do *hub* ideológico. Sob esse aspecto, nota-se que a política interna e a política externa se retroalimentam no governo Bolsonaro, onde o sucesso de um nível transborda em ganhos para outro nível (Schutte; Fonseca; Carneiro, 2019). A diplomacia bolsonarista assegurou um *modus operandi* próprio nas relações com os outros atores do sistema internacional. De modo geral, o Brasil “abandonou” parcerias já consolidadas, ao exemplo do Sul global, e também causou atritos com países importantes para a política externa brasileira, incluindo China, Alemanha, França e Argentina. O ônus dessa postura se deu de forma negativa para o Brasil, que passou por uma fase de isolamento relativo – buscando aproximação exclusiva com o *hub* ultradireitista –, período esse que se aprofundou após a saída de Donald Trump da presidência dos EUA (Herz, 2022; Jesus, 2022).

Os subtópicos seguintes irão destrinchar sobre as relações que mais se destacaram na PEB bolsonarista, seja pelo modo de alinhamento não convencional ou pelos atritos que impactaram negativamente a posição brasileira no cenário internacional.

3.1.1. EUA

No que diz respeito às relações entre Brasil e EUA, foi observado um grau crítico de subordinação, condição que tornou o nacionalismo da ultradireita brasileira dotado de contradições, demonstradas através de episódios como o da continência para a bandeira estadunidense, além de uma série de concessões feitas em favor dos Estados Unidos, que não surtiram efeitos de reciprocidade (Schutte; Fonseca; Carneiro, 2019; Guimarães; Silva, 2021). Por outro ângulo, Casarões (2022) aponta que o bolsonarismo não é só fruto da ascensão da ultradireita global, mas também do trumpismo, absorvendo uma estratégia de americanização da política brasileira que compreende a emulação, a articulação e a internalização dos debates da ultradireita dos EUA. A percepção do núcleo ideológico de que o Ocidente está em perigo

e Donald Trump é o único capaz de reverter o colapso dos valores da civilização marca a diplomacia bolsonarista no sentido de reproduzir um comportamento especificamente pró-Trump e não pró-EUA, uma vez que, após a vitória presidencial do democrata Joe Biden, é notório o afastamento da gestão Bolsonaro, e até uma tensão nos últimos meses do governo bolsonarista (Herz, 2022).

O grupo olavista da política externa brasileira recebeu uma significativa influência do imaginário ultradireitista norte-americano, onde o chanceler Ernesto Araújo explicitou sua cosmovisão a partir de seu ensaio “Trump e o Ocidente”, realizando uma revisão de literatura reacionária para sustentar o argumento de que o Brasil divide um conjunto de culturas com o Ocidente, e suas fundações estão em risco devido ao multiculturalismo proporcionado pela globalização e pelo “politicamente correto” do *establishment* (Araújo, 2017). Ao defender o aprimoramento da cultura ultradireitista para vencer a guerra cultural contra a esquerda, Araújo (2017) afirma que Trump soube captar a raiz das crises do século XXI, que se voltam para as consequências da “[...] perda da própria identidade ocidental, a perda do espírito, o desaparecimento dos “laços de cultura, fé e tradição que nos fazem quem somos”.” (Araújo, 2017, p. 327-328).

Com efeito, a diplomacia bolsonarista replica os principais aspectos do trumpismo, reunindo os setores cristãos, pró-armas, ultraconservadores, neoliberais radicais e blogueiros. O apelido de “Trump dos trópicos” designado a Bolsonaro foi veementemente explorado na reprodução de uma política externa voltada para a agenda de poder da ultradireita internacional (Casarões, 2022). Outro aspecto importante é a implícita competição na liderança do núcleo ideológico entre o chanceler Ernesto Araújo e o deputado Eduardo Bolsonaro, o filho de Bolsonaro mais engajado em construir uma PEB ultradireitista, tendo em vista seus esforços para investir numa intelectualidade alternativa e importar eventos estadunidenses ultraconservadores, como a Conferência de Ação Política Conservadora (CPAC) (Dal Piva, 2023). Acerca dessa lógica, Eduardo Bolsonaro tentou se projetar como o candidato perfeito para assumir a embaixada brasileira em Washington, pedindo apoio de Trump para contrabalancear a oposição doméstica. Entretanto, a vasta repercussão negativa e acusações de nepotismo pelo Congresso e pela opinião pública fizeram com que a pauta fosse arquivada (Guimarães; Silva, 2021).

O alinhamento brasileiro com a figura de Donald Trump, para além dos momentos embaraçosos, ao exemplo do “eu te amo” dito por Bolsonaro para o ex-presidente dos EUA (Andrade, 2020), também se destacaram os acordos desproporcionais, com propostas comerciais controversas e promessas ilusórias feitas por Trump ao Brasil, sob perspectivas

neoliberais radicais insustentáveis para a integridade da economia brasileira. Na tentativa de conseguir apoio estadunidense para se tornar um membro da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Brasil concordou em abrir mão do tratamento especial concedido a países emergentes na Organização Mundial do Comércio (OMC), para se tornar um “Estado desenvolvido”. Porém, a perda do poder de barganha brasileiro e o status de representante dos países em desenvolvimento pesaram em termos políticos e comerciais, somado ao fato de que a OCDE resistiu em adicionar o Brasil à iniciativa, alegando que o país não atende aos critérios da organização (Guimarães; Silva, 2021).

Em 2020, o Brasil recebeu uma oportunidade de lançar uma candidatura à diretoria do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), onde o economista Rodrigo Xavier foi indicado pelo Ministro da Economia Paulo Guedes, articulando sua campanha pela angariação de apoio de outros países-membros do banco. Contudo, Ernesto Araújo e Jair Bolsonaro optaram pela decisão final de retirar a candidatura do Brasil e apostar no estadunidense indicado por Trump, Mauricio Claver-Carone, que alcançou o cargo de diretor do BID. Além da tensão configurada entre os núcleos ideológico e econômico, a mudança pouco transparente e o apoio aos EUA quebrou uma tradição de mais de 60 anos do banco, de sucessivos diretores latino-americanos (Herz, 2022). Os ganhos brasileiros com o alinhamento subordinado à Donald Trump foram insignificantes; do contrário, ao realizar concessões e firmar acordos desiguais, o Brasil obteve perdas que afetaram a economia e a soberania nacional, relativamente.

Dentre pequenos gestos de troca, estiveram o recebimento do status de aliado extra-OTAN pelo Brasil, no qual reverberaram consequências simbólicas e comerciais. Apesar da concessão do título aparentar o fortalecimento entre as relações Brasil-EUA e uma oportunidade para cooperação no campo da defesa, na realidade, o suposto prestígio visou aumentar as importações de armamentos norte-americanos para fomentar o arsenal bélico brasileiro, no propósito de firmar as Forças Armadas. Os interesses estadunidenses, além de movimentar o comércio de armas, consistia em formar estratégias para isolar a Venezuela, pressionando o Brasil na promoção indireta de uma potencial intervenção contra o governo de Nicolás Maduro, num contexto de eleições venezuelanas e crescente influência chinesa no regime bolivariano (Gragani, 2019).

Todavia, a resistência do núcleo militar brasileiro foi capaz de frear os planos mais intervencionistas, visto que as consequências de inserir o Brasil em uma possível guerra não seriam viáveis ou passíveis de ganhos. O forte sentimento anti-esquerda e anticomunismo compartilhado pela ultradireita dos Estados Unidos e do Brasil foram suficientes na

subordinação do grupo ideológico de PEB no tocante à elaboração de outras táticas de isolamento da Venezuela, desta vez, através das organizações internacionais, como a Organização dos Estados Americanos (OEA) e a ONU, em outro episódio de pressões estadunidenses para que a PEB se posicionasse contra a Venezuela na Comissão de Direitos Humanos onusiana, projeto acatado subservientemente pelo Brasil. As relações Brasil-Venezuela se deterioraram após a retirada da Embaixada venezuelana em Brasília, seguindo postura similar dos EUA em 2019 (Guimarães; Silva, 2021).

O núcleo militar, ao dispor de uma cosmovisão mais pragmática, entrou em conflito com o entreguismo do grupo ideológico em outras situações, como o retorno, após quase três décadas, das intenções estadunidenses em instalar bases militares no Centro Espacial de Alcântara (CLA). Em março de 2019, a autorização para a exploração da Base maranhense consistiu em outro esforço exitoso do núcleo ideológico, no qual uma das principais cláusulas proibia o Brasil de utilizar o CLA por questões de projetos confidenciais estritamente dos Estados Unidos (Brasil de Fato, 2019). Nesse sentido, as relações Brasil-EUA, durante a gestão Trump, foram o auge dos feitos do grupo ideológico no tocante à dedicação para assegurar um lugar na constelação ultradireitista internacional, buscando dialogar também com o núcleo duro do eleitorado bolsonarista, que ainda não se encontrara no seu paroxismo de radicalização.

Com o fim do governo de Donald Trump, a diplomacia bolsonarista transformou sua subserviência em pragmatismo, articulando-se apenas com figuras da ultradireita estadunidense. Jair Bolsonaro apoiou a reeleição de Trump explicitamente, quebrando a neutralidade brasileira em questões eleitorais de outros países, além de insuflar o debate acerca de uma suposta “fraude” nas eleições norte-americanas de 2020, que elegeram Joe Biden. Após o fim do processo, o Brasil foi um dos últimos Estados a reconhecerem a vitória do democrata, que foi atacado por Bolsonaro em inúmeras ocasiões, originando tensões em pautas como a degradação da Amazônia e o avanço da ultradireita, especialmente com o negacionismo científico difundido sobre a COVID-19 (Guimarães; Silva, 2021).

3.1.2. Israel

Durante o governo Bolsonaro, o Estado de Israel desempenhou um papel de destaque na PEB, não só pelo caráter ultradireitista do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu e sua participação no *hub* da ultradireita global, mas também pela demanda dos setores cristãos que compõem o núcleo ideológico da diplomacia bolsonarista, além do eleitorado evangélico (Schutte; Fonseca; Carneiro, 2019). Todavia, as ações de proximidade com Israel expuseram

algumas controvérsias entre os grupos de política externa da gestão Bolsonaro, representando a necessidade de ativar uma contenção de danos por atores mais pragmáticos da PEB bolsonarista em meio a declarações comprometedoras à economia brasileira e esquemas de espionagem de opositores (Saraiva; Silva, 2019). Outro ponto interessante a ser enfatizado é a noção de Israel enquanto uma espécie de Estado-satélite dos EUA, o que configura uma extensão do alinhamento automático da diplomacia bolsonarista à figura de Donald Trump, na tentativa de se projetar para a coalizão da ultradireita internacional (Schutte; Fonseca; Carneiro, 2019).

Acerca dessa lógica, alguns episódios foram essenciais no estreitamento das relações Brasil-Israel: a tentativa de transferência da embaixada brasileira de Tel Aviv para Jerusalém e o caso do software israelense First Mile sob uso da Agência Brasileira de Inteligência (Abin). Jair Bolsonaro, batizado no rio Jordão em 2016, consolidou seu núcleo duro eleitoral através do *networking* com grandes nomes do neopentecostalismo brasileiro e se utilizou do pensamento evangélico para compor seu imaginário ideológico (Pini; Nobre; Menezes, 2023). No plano internacional, as explícitas aproximações com Israel e o afastamento das parcerias com a Liga Árabe também simbolizaram um ponto positivo para o olavismo, de tendências islamofóbicas. Em vista disso, os setores católicos ultraconservadores passaram a defender uma política externa de maior conexão com os israelenses (Schutte; Fonseca; Carneiro, 2019). Nesse sentido, a tradição judaico-cristã se tornou o principal referencial religioso do bolsonarismo.

Em um gesto de compromisso com Israel – e com os EUA –, o núcleo ideológico anunciou as pretensões de transferir a embaixada brasileira em Israel de Tel Aviv para Jerusalém, cidade alvo de disputas entre os israelenses e os palestinos para abrigar sua capital. O movimento “estratégico” tentou atrair a atenção dos EUA, que mudou sua representação diplomática para Jerusalém em 2018, e acenar para os eleitorados cristão e anti-Islã, além de compor mais um esforço da PEB do governo Bolsonaro para se consolidar no eixo de países liderados por ultradireitistas (Schutte; Fonseca; Carneiro, 2019). No entanto, a situação comprometeu as firmes parcerias comerciais entre o Brasil e os Estados árabes, resultando na pressão de setores agropecuários para recuar na decisão, uma vez que os países muçulmanos possuem a fatia de 50% das exportações brasileiras em carne halal (Jesus, 2022). Dessa forma, as figuras pragmáticas da diplomacia bolsonarista, no intuito de minimizar as consequências negativas para a economia brasileira, tentaram contornar a circunstância com um meio termo. Logo, foi divulgada a abertura de um escritório comercial do Brasil em Jerusalém, objetivando fomentar os negócios entre os dois países e demonstrar um saldo

positivo para o eleitorado doméstico e para o eixo ultradireitista no âmbito internacional (Saraiva; Silva, 2019).

Outra questão orquestrada por atores do governo Bolsonaro e que culminou em repercussões internacionais foi o caso da “Abin paralela”, que consistiu no uso de spywares israelenses para espionar opositores do bolsonarismo, ao exemplo de figuras públicas, políticos, pesquisadores e jornalistas (Dantas; Camporez; Bronzatto, 2023). A partir disso, torna-se imprescindível destacar o caráter antidemocrático cultivado pelo *hub* ultradireitista, que ingressa no jogo democrático com o intuito de desvirtuá-lo de dentro para fora. As perseguições de personalidades contrárias à ultradireita são feitas sistematicamente, com o adicional do linchamento virtual instigado por figuras ideológicas. Além disso, o direito à privacidade e o direito ao pluralismo político são garantias frequentemente violadas em regimes ultradireitistas (Levitsky; Ziblatt, 2018). Nesse contexto, evidencia-se a cobiçada indústria “bélica-cibernética” israelense, que já vendeu spywares como o Pegasus para governos autoritários (Rossi, 2021).

O programa de espionagem First Mile foi comprado no fim de 2018 pela Abin, sem procedimentos de licitação. Durante a gestão Bolsonaro, o spyware foi usado até 2021, sendo articulado em um esquema paralelo ao do funcionamento padrão do órgão, onde Carlos Bolsonaro e Alexandre Ramagem, ex-diretor da Abin, gerenciavam os trabalhos sem autorização judicial (Teófilo, 2024). First Mile é uma ferramenta que garante o rastreamento, em tempo real, de indivíduos, através do número de celular. Convém destacar também que a Cognyte, empresa responsável pelo produto cibernético, desempenhou suas operações no Brasil através de uma licença concedida por Israel (Teófilo, 2024). Diante do vazamento do esquema e o reconhecimento de procedimentos nada transparentes, desde a compra até a finalidade do uso, além do escândalo Pegasus em outros países em 2021, Israel reduziu a lista de Estados autorizados a iniciar negociações comerciais envolvendo segurança, removendo o Brasil desse grupo seletivo (Rossi, 2021).

3.1.3. China

A diplomacia bolsonarista, inserida no eixo da ultradireita global, se voltou para a noção da existência de um inimigo iminente a ser combatido, uma vez que a ameaça proporcionada por esse ator é “decisiva” para a integridade da cultura ocidental, e a sua eliminação supostamente constitui uma garantia de que as estruturas hierárquicas arcaicas defendidas pela ultradireita sejam conservadas (Jesus, 2022). Diante dessa cosmovisão, o *hub* ultradireitista apontou a China como a principal vilã do tabuleiro internacional, uma potência

socialista que cresceu exponencialmente no século XXI. O aspecto marxista dos valores políticos chineses foi salientado pelo viés anticomunista e anti-esquerda da ultradireita, no qual foram atribuídas percepções negativas ao país e disseminadas através de teorias da conspiração (Prado, 2021). O chanceler Ernesto Araújo, ao mobilizar o núcleo ideológico, depositou seus esforços na tentativa de afastar o Brasil do “inimigo” da ultradireita, iniciando uma campanha ofensiva contra a China (Guimarães; Silva, 2021).

Em ocasiões domésticas, a China foi pauta de diversas reuniões com atores do governo Bolsonaro, não só pela ânsia ultradireitista de “eliminar o inimigo”, como também pela contradição com o fato de que a potência chinesa possui um nível elevado de importância comercial e estratégica para o Brasil (Schutte; Fonseca; Carneiro, 2019). A visita de Bolsonaro a Taiwan e as declarações sobre conquistar uma relação mais estreita provocou o princípio da China única desde a campanha eleitoral, o que demonstrou, desde o início das empreitadas bolsonaristas, as intenções de romper a proximidade sino-brasileira (Saraiva; Silva, 2019). Apesar do núcleo ideológico se debruçar em falas sinofóbicas publicamente e de modo recorrente, os personagens pragmáticos da diplomacia bolsonarista só começaram a se posicionar no formato de contenção de danos após o decreto de emergência da pandemia de Coronavírus em 2020, quando as amistosas relações sino-brasileiras escalaram episódios cada vez mais críticos diplomaticamente (Jesus, 2022).

Outro ponto importante foi o apoio chinês no tocante às queimadas na Amazônia, que repercutiram internacionalmente. Diante das acusações do presidente francês Emmanuel Macron e outros líderes sobre a degradação do meio ambiente em territórios brasileiros, a China se posicionou ressaltando a eficiência das leis ambientais do Brasil, além de apontar um sensacionalismo forjado em cima dessa questão, na qual alguns países tentaram violar a soberania brasileira. Tal discurso foi visto como uma oportunidade de reconciliação das relações entre China e Brasil, entretanto, isso não se concretizou ao longo do governo Bolsonaro (Guimarães; Silva, 2021).

Eduardo Bolsonaro, Abraham Weintraub, Ernesto Araújo e Filipe Martins são atores do núcleo ideológico que se destacaram na disseminação online de conspiracionismos sobre a China, em conjunto com Jair Bolsonaro. Narrativas sobre espionagem chinesa através da tecnologia 5G, piadas de conotação pejorativa e caricata nas redes sociais, além de colaborar com o discurso trumpista sobre uma guerra comercial sino-estadunidense ilustram as tentativas da PEB bolsonarista de isolar a China e torná-la um pária internacional diante do *hub* ultradireitista, bem como consolida uma extensão da subserviência brasileira ao governo Trump (Saraiva; Silva, 2019; Guimarães; Silva, 2021). Durante a pandemia, a sinofobia do

núcleo ideológico escalou desastrosamente, visto que a COVID-19 surgiu na China no final de 2019. Apelidos como “Comunavírus” e “vachina” circularam frequentemente para se referir ao regime socialista e a vacina chinesa Coronavac. Inúmeras teorias da conspiração envolvendo a China, o globalismo e a criação proposital do vírus para elevar seu lucro foram difundidas e apoiadas pela diplomacia bolsonarista, especialmente Ernesto Araújo (Jesus, 2022).

Jair Bolsonaro, por sua vez, estimulou a desconfiança nas vacinas – com destaque para as chinesas e russas –, o que levou o eleitorado bolsonarista a reconsiderar a vacinação e espalhar conspiracionismos na internet, viralizando inclusive uma teoria sobre a vacina da COVID possuir um chip que muda o DNA humano (Jucá, 2020). No auge da sinofobia reverberada pelo núcleo ideológico e atritos cada vez mais fortes com a diplomacia chinesa, a voz dos atores pragmáticos se fez maior, exigindo a exoneração dos condutores de tal discurso xenofóbico devido à prejuízos econômicos e pressões do Congresso brasileiro. Sendo assim, em meados de 2021, Ernesto Araújo pede demissão (Hirst; Maciel, 2022). A exoneração também foi dada a Filipe Martins e a Abraham Weintraub, que contribuíram para o crescimento da sinofobia no Brasil (O Globo, 2021).

Após a queda de Araújo, líder do núcleo ideológico da PEB bolsonarista, as empreitadas do grupo perdem força dentro do governo, ocorrendo uma sequencial fragmentação da base ultradireitista, uma vez que o isolamento brasileiro aumentou após a derrota de Trump nos EUA. O diplomata Carlos França assumiu o Ministério das Relações Exteriores, com um perfil pragmático e de contenção de danos pela gestão Araújo. A partir disso, o viés discreto de França buscou impedir o agravamento da posição do Brasil no sistema internacional, ao passo que permitiu sua continuidade no *hub* ultradireitista. Bolsonaro encabeçou uma diplomacia presidencial maior, com o propósito de assegurar as ideias de ultradireita na PEB, em conjunto com seus filhos – principalmente Eduardo Bolsonaro (Guimarães; Silva, 2021; Hirst; Maciel, 2022).

3.1.4. América Latina

A gestão Bolsonaro provocou um desmonte na PEB voltada para a América Latina, fomentando a desintegração regional e o afastamento de seus vizinhos. O viés hostil direcionado a políticos e presidentes de fora do eixo ultradireitista tornou a relação entre Brasil e AL mais tensa, o que também revelou a passagem da Onda Azul para a Onda Marrom, tendo em vista o surgimento de atores críticos da esquerda e do teor neoliberal não-ultraconservador de presidentes da Onda Azul, ao exemplo de Mauricio Macri na

Argentina (Oliveira, 2019; Jesus, 2022; Saraiva, 2022). Outrossim, a desastrosa política da diplomacia bolsonarista em relação à Venezuela ameaçou um conflito armado na região, encabeçado pelo núcleo ideológico da PEB em meio a retirada de embaixadas (Guimarães; Silva, 2021).

A atitude da diplomacia bolsonarista acerca dos vizinhos latino-americanos foi pautada pela ideologia. Regimes mais à esquerda do espectro, como Cuba, Venezuela e Nicarágua foram alvo de ataques recorrentes de atores do núcleo ideológico nas redes sociais ou em instâncias multilaterais regionais. Com efeito, o Brasil passou a se distanciar da agenda de política externa que prezava pela parceria com o Sul global e a AL, para encaixar países liderados por ultradireitistas na prioridade (Herz, 2022). Jair Bolsonaro e o núcleo ideológico se utilizaram das redes sociais como plataforma de posicionamento oficial, quebrando a neutralidade em assuntos políticos domésticos de outros países, o que significou a defesa aberta das ditaduras militares do Cone Sul em 1970, o apoio a ultradireitistas latino-americanos – José Antonio Kast, Javier Milei, Alejandro Giammattei e Guillermo Lasso – e as declarações agressivas em relação a presidentes esquerdistas da região (Saraiva, 2022; Prazeres, 2022).

Nessa conjuntura, a distância de Bolsonaro da imagem neoliberal sustentada até 2019 gerou o afastamento gradual de figuras clássicas da Onda Azul, como Sebastian Piñera, Luis Lacalle Pou e Mauricio Macri, ocorrendo inclusive uma recusa de apoio pelo representante uruguaio Lacalle Pou (Saraiva, 2022). Em contraste, o colombiano Iván Duque surfou em conjunto com Bolsonaro para a Onda Marrom ultradireitista (Ibidem), sendo notório o surgimento de outros atores regionais após 2022. Entretanto, a relação entre Bolsonaro e os países da Onda Azul já esteve próxima, quando Piñera e Duque idealizaram o PROSUL, um projeto que consistiu em produzir um regionalismo comercial voltado para vieses neoliberais, nos quais inicialmente atraíram o núcleo econômico da PEB bolsonarista (Saraiva, 2022). Tais esforços almejavam a substituição da UNASUL, intitulada pelos atores da Onda Azul como um empreendimento ideológico esquerdista da Onda Rosa (Jesus, 2022). Para a diplomacia bolsonarista, apesar do PROSUL ser uma proposta conveniente ao núcleo econômico da PEB, a falta do elemento ultraconservador fez com que o fórum não fosse uma prioridade na política externa (Saraiva, 2022).

Sob esse prisma, a transição entre a Onda Azul e a Onda Marrom se iniciou a partir da expressão das diferenças cada vez mais claras entre os políticos neoliberais que ascenderam ao poder na região e os atores ultradireitistas, que se pautaram pela crítica ao *establishment* com seu discurso populista e o combate à “guerra cultural” (Oliveira, 2019). Além disso, o

isolamento do Brasil no cenário internacional continuou a crescer, mesmo após as tentativas de agregar pragmatismo ao Itamaraty, com a saída de Ernesto Araújo e a chegada de Carlos França (Saraiva, 2022). O governo Bolsonaro se articulou com outros atores do núcleo ideológico para prosseguir com a diplomacia bolsonarista, ao exemplo de Eduardo Bolsonaro, que promoveu eventos como a Cúpula Conservadora das Américas, e idealizou uma versão brasileira da CPAC, criada nos EUA.

As conferências trouxeram atores do *hub* ultradireitista global e palestrantes do núcleo ideológico da PEB, com o fito de aproximar a ultradireita latino-americana e destacá-la diante do eixo ideológico internacional (Hoeveler, 2020). No fim da gestão Bolsonaro, o nível crítico do isolamento brasileiro demandou uma aproximação de líderes latino-americanos mais à direita do espectro, como Guillermo Lasso, Nayib Bukele, Alejandro Giammattei e Javier Milei (Prazeres, 2022; Caetano, 2024). A conjuntura apontava para maiores vitórias desempenhadas pela Onda Marrom, apesar da distância relativa entre os ultradireitistas da AL.

Outro aspecto importante da diplomacia bolsonarista foi a saída brasileira da Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC) e a denúncia e desligamento da UNASUL, com o argumento de Ernesto Araújo de que constitui um palco para que os regimes “comunistas” latino-americanos possam se projetar no cenário regional e aumentar sua esfera de poder, sendo ideologizados e opostos aos novos interesses de política externa (Jesus, 2022). Acerca desse pensamento, as críticas mais violentas da PEB bolsonarista na AL foram direcionadas a líderes esquerdistas, como Alberto Fernandez, Gabriel Boric e Gustavo Petro, além da falta de representação presidencial brasileira em eventos de posse de presidentes latinos da esquerda – Bolsonaro optou por enviar Mourão ou outras figuras diplomáticas mais pragmáticas nessas situações (Saraiva; Silva, 2019; Saraiva, 2022). O caso mais emblemático de repúdio a países da AL chefiados por políticos esquerdistas foi a Venezuela, no qual o núcleo ideológico, em conjunto com os EUA, empenhou esforços para isolar o Estado bolivariano e forçar um Coup d’État em prol de Juan Guaidó, representante dos interesses estadunidenses no país (Jesus, 2022). O caráter submisso da PEB ultradireitista em relação a Trump quase colocou o Brasil em um conflito bélico com a Venezuela, freado pelos pragmáticos – ler seção 3.1.1.

No Mercosul, sua regressão marcou um esvaziamento da integração regional na América Latina, onde o núcleo econômico da PEB priorizou o bilateralismo, o que complementou o caráter anti-multilateralismo da ultradireita (Herz, 2022). As tentativas de avanço no acordo Mercosul-UE, embora tenham sido bem sucedidas até 2019, foram afetadas

posteriormente pelas repercussões internacionais em torno da Amazônia – ler seções 3.1.5. e 3.3.2. – e o comportamento ultradireitista de Bolsonaro, no qual isolou o Brasil para se aproximar do *hub* da ultradireita global (Jesus, 2022).

3.1.5. Europa

A diplomacia bolsonarista em relação à Europa desencadeou duas situações nas quais o núcleo ideológico atuou ativamente: os processos do acordo Mercosul-União Europeia (UE) e as frequentes reuniões com atores da ultradireita europeia, projetando a política externa brasileira entre o *hub* ultradireitista para buscar influência na agenda de poder ideológica.

O acordo Mercosul-UE foi iniciado em 1999 e abrange o comércio entre os blocos, marcos regulatórios em diversas pautas e o diálogo político ativo, o que torna o processo complexo e dependente de inúmeros tomadores de decisão. Após momentos de arquivamento e reabertura dos debates, as negociações são concluídas em 2019, dependendo apenas da assinatura das partes e sua ratificação (Mercosul, 2019). Todavia, a condução do governo Bolsonaro por meio de lentes ultradireitistas causou enorme repercussão internacional, resultando em uma reação de oposição pelo Parlamento Europeu e lideranças progressistas da Europa (Jesus, 2022). Ademais, o negacionismo ambiental praticado pelo núcleo ideológico da PEB bolsonarista – descrito aprofundadamente no subtópico 3.3.2. – foi o ápice dos atritos entre Brasil, França, Noruega e Alemanha, que se manifestaram explicitamente contra o comportamento ideológico de ultradireita da gestão Bolsonaro (Sousa, 2022). A suspensão dos investimentos europeus no Fundo Amazônia e a postura incisiva do presidente francês Emmanuel Macron em relação ao desmonte do meio ambiente no Brasil comprometeram os avanços do acordo Mercosul-UE (Sousa, 2022).

Sob esse prisma, o núcleo olavista retaliou com fortes ataques nas redes sociais, inclusive ofensas contra a primeira-dama francesa, Brigitte Macron, colocando a França como um dos principais “inimigos” da PEB ultradireitista (Lorran, 2019). Somado a isso, o Brasil tentou inserir o núcleo ideológico em pautas mais latentes na ultradireita europeia, articulando sua agenda de poder diante do eixo ultradireitista. Ao estimular o discurso nativista e *anti-establishment*, a diplomacia bolsonarista voltada para a Europa defendeu veementemente o maniqueísmo “Nós *versus* o Outro”, desenvolvendo um ambiente hostil na política internacional através da rivalidade criada com líderes progressistas, descritos como “liberais e marxistas” que estão destruindo a Europa cristã ao permitir a imigração e o multiculturalismo.

A partir disso, a conspiração da “Grande Substituição”²⁰ é disseminada para gerar um *backlash* e sentimentos xenófobos, culpando imigrantes e minorias étnicas por problemas como desemprego, pobreza, violência urbana e crises econômicas (Prado, 2021; Lynch; Cassimiro, 2022).

De forma paralela, o Brasil de Bolsonaro compactua da visão binária da ultradireita europeia, uma vez que o olavismo é derivado de bases filosóficas do contexto da Europa, incluindo a questão da guerra cultural contra os avanços políticos e civis do século XXI (Prado, 2021). Portanto, a diplomacia bolsonarista se dedicou a se alinhar com representantes e partidos ultradireitistas na Europa. Eduardo Bolsonaro foi um ator essencial na introdução do Brasil nos círculos ideológicos do continente europeu, participando ativamente de conferências do *hub* da ultradireita. O Foro de Madrid, elaborado por Santiago Abascal, do partido espanhol ultradireitista Vox, contou com a presença de Eduardo Bolsonaro na união de países da “Ibero-esfera” – região latino-americana, Espanha e Portugal – contra a esquerda, onde prezam por valores religiosos e ultraconservadores, expressando seus postulados através da Carta de Madrid (González; Gortázar; Molina, 2021). O partido da ultradireita portuguesa, Chega, também esteve ligado à PEB bolsonarista, ao realizar interações públicas de apoio (Caetano, 2024).

Outros atores do eixo ultradireitista na Europa que foram prestigiados pelo governo Bolsonaro são Beatrix von Storch, do partido alemão AfD; e Matteo Salvini, ex-Primeiro-Ministro da Itália (Mazui, 2021; Simões; Silva; Melo, 2023). Nas instâncias internacionais, a PEB privilegiou o diálogo bilateral com Hungria, Sérvia e Polônia, considerados parceiros não-convencionais devido a sua distância relativa da tradição de política externa do Brasil. Tal aproximação, por motivos ideológicos, fortaleceu a agenda da diplomacia bolsonarista na legitimação de suas ideias, alinhando valores ultraconservadores cristãos, violação dos direitos das minorias, estímulo à intolerância e inspirando condutas de política externa aos moldes da ultradireita (Prazeres, 2022). É conveniente ressaltar Viktor Orbán como o aliado ultradireitista mais próximo da PEB bolsonarista, no qual foi chamado de “irmão” pelo ex-presidente brasileiro, além da demonstração de disposição em acolher Jair Bolsonaro na embaixada da Hungria no Brasil dois anos após a derrota nas eleições brasileiras, em 2024, em meio a uma investigação da Polícia Federal sobre tentativa de golpe de Estado orquestrada durante a gestão Bolsonaro (G1, 2024).

²⁰ “A Grande Substituição” é uma teoria da conspiração supremacista que acredita que o *establishment* e setores progressistas operam a favor de uma substituição, na Europa, de povos brancos para povos árabes e islâmicos, fazendo desaparecer a Europa branca cristã por meio da imigração (Prado, 2021).

3.2. Acordos internacionais ideológicos celebrados

A diplomacia bolsonarista se empenhou em defender pautas do escopo da direita radical nas instituições multilaterais, além de celebrar acordos que prezam pela aproximação entre a religião e o Estado, e a primazia da família tradicional heteronormativa na manutenção das hierarquias sociais. Ademais, a promoção de políticas anti-LGBT e princípios que visaram ressaltar o papel da mulher enquanto dona do lar e procriadora foram invocados na projeção de política externa brasileira durante o governo Bolsonaro. Uma vez que a questão de direitos humanos foi atrelada à cosmovisão cristã tradicionalista, o Brasil rompeu com sua tradição discursiva pragmática para abraçar projetos que potencialmente afetaram grupos minoritários através de conceitos ultraconservadores (Rodrigues; Silva; Sabião, 2020). Outro saldo da tentativa de agregar à coalizão de países com líderes ultradireitistas foi o ataque aos imigrantes a partir da situação da Venezuela e a migração em massa para o Brasil (Jesus, 2022).

Com o propósito de conectar a diplomacia bolsonarista aos setores cristãos e solidificar o alinhamento automático ao imaginário trumpista dos Estados Unidos, o Brasil se junta à Aliança Internacional pela Liberdade Religiosa, iniciativa do ex-secretário de Estado dos EUA Mike Pompeo e do ex-embaixador estadunidense pela liberdade religiosa Sam Brownback. Contando com o apoio de países como Colômbia, Ucrânia, Israel, Polônia e Hungria, a aliança ressalta a importância de proteger as vítimas de violência religiosa, garantindo punições em lei e impondo sanções contra os agressores, na tentativa de assegurar o princípio da liberdade religiosa (Desideri, 2020). Apesar do acordo ser composto também por Estados não-cristãos, a iniciativa, uma vez proposta pelos EUA na conjuntura do governo Trump, atraiu líderes ultradireitistas cristãos para fomentar a narrativa de perseguição ao cristianismo. Sendo assim, representou uma oportunidade para a diplomacia bolsonarista acenar para os setores protestantes e católicos ultraconservadores domésticos, e se colocar no *hub* da ultradireita internacional, desempenhando um discurso vitimista (Herz, 2022).

Ainda sobre religiões, o Brasil se empenhou, ao lado da Hungria, em elaborar um fundo de apoio às comunidades cristãs que habitam o Oriente Médio, região conhecida por perseguir seguidores do cristianismo (Herz, 2022). Após a saída de Ernesto Araújo da gestão Bolsonaro, em 2021, o aspecto religioso da política externa brasileira foi continuado por Dameres Alves e Angela Gandra, ambas do alto escalão do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, no propósito de fazer parte das discussões de grupos católicos ultraconservadores na Europa e protestantes nos EUA, convergindo em posicionamentos

contra os direitos da população LGBTQ+ e apoiando pautas anti-aborto (Herz, 2022). A manutenção dos grupos privilegiados e a ênfase na proteção da família tradicional heteronormativa também segue intrínseca à questão religiosa na PEB bolsonarista. Nesse sentido, o projeto de poder a ser executado pelo núcleo ideológico se utiliza da religião para complementar o viés apocalíptico e maniqueísta no qual a ultradireita é revestida, promovendo o dualismo “Nós *versus* o Outro” no tabuleiro internacional (Jesus, 2022).

A partir disso, a diplomacia bolsonarista se projeta externamente com o fito de se encaixar no *hub* ultradireitista, que trava uma “guerra cultural” contra o globalismo, em contraste com os setores do poder progressista, os “catalisadores” do colapso dos valores tradicionais religiosos e estruturais do Ocidente. Considerando tal objetivo, a PEB do governo Bolsonaro reúne esforços ideológicos através de acordos voltados para fortalecer a causa da ultradireita e consolidar seu eleitorado doméstico (Hirst; Maciel, 2022). Ao inserir o Brasil na candidatura para o Conselho de Direitos Humanos da ONU em 2019, o documento buscou enfatizar que o novo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos consistia numa evolução burocrática que garantia eficácia e impactos significativos no cotidiano da sociedade brasileira, salientando premissas emuladas pelo populismo de direita radical, como o direito à vida, a proteção das famílias, o direito à segurança e a garantia da liberdade de expressão (Assembleia Geral da ONU, 2019). É interessante evidenciar que tais questões reverberam o discurso ultradireitista de regredir em relação aos direitos das mulheres e o direito ao aborto, como também fincar conceitos cristãos heteronormativos de família e promover uma suposta “liberdade de expressão” que possa permitir ofensas direcionadas às minorias, explorando recursos xenofóbicos, misóginos e anti-LGBT (Prado, 2021; Lynch; Cassimiro, 2022).

A assinatura da Declaração do Consenso de Genebra sobre a Promoção da Saúde da Mulher e o Fortalecimento da Família representou outro empenho da diplomacia bolsonarista, no qual o núcleo ideológico colocou o Brasil como co-patrocinador da iniciativa desenvolvida pelo governo estadunidense de Donald Trump. A declaração uniu países historicamente ultraconservadores e Estados liderados por figuras da ultradireita global, ao exemplo do Egito e da Hungria, para firmar um compromisso de defender os valores de família em meio ao globalismo, fenômeno desencadeador de conceitos avessos à cosmovisão ultradireitista, como a igualdade de gênero e questões de sexualidade (Rodrigues; Silva; Sabião, 2020). Outro tópico central ao Consenso de Genebra é a defesa do direito do nascituro, que busca erradicar o direito ao aborto através de argumentos cristãos “pró-vida”, desconsiderando o aspecto de saúde pública feminina, além de impor um juízo de valor religioso sob a prática do aborto

(Herz, 2022). Segundo nota à imprensa do Ministério das Relações Exteriores, “O governo brasileiro orgulha-se de fazer parte da Declaração de Consenso de Genebra, que visa à promoção dos direitos humanos das mulheres e ao fortalecimento do papel da família, temas de grande importância para o Brasil.” (Brasil, 2020).

Nas instâncias multilaterais, o Brasil passou a seguir a agenda de poder do *hub* ultradireitista oferecendo suporte a projetos e resoluções que elencam postulados defendidos pelo imaginário da ultradireita. No âmbito da OEA, em 2020, uma moção encabeçada pela Bolívia da ultraconservadora Jeanine Añez sobre homeschooling foi apoiada pela delegação brasileira. A educação domiciliar é defendida pela ultradireita com o objetivo de permitir que os pais possam controlar integralmente o conteúdo dos estudos dos seus filhos, abrindo margem para uma educação enviesada e não-científica em prol de temas morais-religiosos. Entretanto, a proposta foi criticada pela Argentina, Canadá e México (Rodrigues; Silva; Sabião, 2020). A diplomacia bolsonarista, através do Ministério das Relações Exteriores de Araújo, também agilizou a saída do Brasil do Pacto Global para as Migrações, em conjunto com os EUA, na tentativa de sinalizar para o caráter xenofóbico da coalizão de ultradireita. Além de discursos de aversão à imigração venezuelana proferidos por Jair Bolsonaro, a justificativa para desfazer o compromisso selado gira em torno da soberania nacional e da percepção da questão migratória enquanto um problema relativo a cada Estado, rompendo com uma premissa fundamental da tradição diplomática brasileira: sua política migratória exemplar (Herz, 2022).

Diante do exposto, conclui-se que o núcleo ideológico da diplomacia bolsonarista se empenhou em projetar seus esforços em meio ao *hub* ultradireitista através de acordos e consensos internacionais que dispõem de temas relevantes à ultradireita, ao exemplo da questão dos valores da família ocidental e a repulsa por conceitos plurais de família, o retrocesso aos direitos da mulher sobre seu próprio corpo, como também o olhar intolerante à figura do imigrante e de minorias nacionais, colocando-os no papel de “o Outro”, numa dinâmica nativista e maniqueísta de entrave da “guerra cultural” contra a influência da esquerda no jogo político (Rodrigues; Silva; Sabião, 2020; Lynch; Cassimiro, 2022). Em desprezo às instituições multilaterais, o governo Bolsonaro ignorou compromissos e pagamentos em diversas organizações, bancos e fundos internacionais em que participava regularmente, incluindo a ONU, episódio no qual o Brasil quase perdeu seu direito de voto na Assembleia Geral (Herz, 2022).

É interessante analisar que, apesar das críticas e do isolamento submetido ao Brasil pelo núcleo ideológico da diplomacia bolsonarista, os consensos em matéria

político-ideológica foram menos reprimidos pelos pragmáticos da PEB do governo Bolsonaro do que os posicionamentos que comprometeram setores da economia brasileira, mostrando a mobilização da contenção de danos apenas em momentos de consideráveis perdas monetárias. Outrossim, o episódio de animosidades para uma possível intervenção militar na Venezuela também se encaixa nessa perspectiva, tendo em vista o caráter utópico do pensamento e destrutivo da ação.

A ruptura da tradição diplomática brasileira da Nova República é representada pela celebração de tais arranjos político-ideológicos ultradireitistas, minando a credibilidade do Brasil na atuação de pautas voltadas para a questão migratória e defesa dos direitos humanos sob uma ótica inclusiva. No próximo tópico, serão investigadas duas outras temáticas nas quais existiram um esvaziamento brutal pela diplomacia bolsonarista: a preservação do meio ambiente e da Amazônia, e a saúde global diante da pandemia de COVID-19.

3.3. A institucionalização do negacionismo

A negação da ciência e da tecnologia são fatores latentes na ultradireita, visto que o aspecto anti-intelectual da ideologia se pauta pela rejeição à educação e à linguagem com a justificativa de que a Academia e a imprensa estão dotadas de “marxistas culturais” à serviço de doutrinar a opinião pública em prol de temáticas esquerdistas. Logo, o desenvolvimento de respostas “politicamente incorretas” e o uso da violência como recursos comuns expressam tal aversão (Stanley, 2018). Com o propósito de rebater a suposta “hegemonia da esquerda” nos espaços do saber, a ultradireita promove uma intelectualidade alternativa, sustentada por teorias da conspiração e pensadores controversos em suas obras, ao exemplo de Steve Bannon e Olavo de Carvalho (Prado, 2021).

Outrossim, no século XXI, o imaginário ultradireitista se destacou por se colocar contrário ao movimento ambientalista, alegando que as preocupações com o meio ambiente escondem vieses socialistas promovidos pelo *establishment* (Salgado, 2023). Já a partir da década de 2020, a negação de pressupostos científicos sobre saúde global pela ultradireita gerou um agravamento da pandemia de Coronavírus em diversos países, incluindo o Brasil (Jesus, 2022). No que tange ao negacionismo enquanto política institucionalizada pelo governo Bolsonaro, o núcleo ideológico da PEB estimulou pensamentos de afronta às ciências e aos órgãos de pesquisa e divulgação de dados, combinando com práticas de desprezo aos biomas brasileiros e a naturalização da morte pela COVID-19, além de disseminar desinformação sobre os métodos de prevenção e medicação contra a doença pandêmica.

3.3.1. A questão da pandemia de COVID-19

Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a existência de uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII). O Coronavírus, também conhecido como COVID-19, foi identificado inicialmente na China, em dezembro de 2019. Diante disso, as recomendações de políticas públicas emitidas pela OMS propuseram uma contenção por meio do lockdown, isto é, o isolamento total da população e o fechamento do comércio, exceto atividades essenciais, como farmácias e hospitais (Calil, 2021). Com a exponencial taxa de mortalidade por COVID-19 ao redor do globo, a demanda pela ciência e tecnologia para desenvolver vacinas e oferecer medicamentos que pudessem conter o avanço da doença resultou numa espécie de “corrida” pela fabricação da vacina (Butantan, s.d.).

Em contrapartida, a ultradireita global obteve destaque na difusão de uma narrativa conspiratória para a conjuntura vivenciada, se utilizando da pandemia para criar desinformação online sobre saúde global através da lente da “guerra cultural” contra os inimigos do Ocidente cristão. Nesse sentido, uma vez que o vírus surgiu na China, diversas teorias da conspiração foram originadas a partir desse fato, associando o governo chinês e o “marxismo cultural” com a COVID-19, o que acentuou a sinofobia no período pandêmico. O *hub* ultradireitista incorporou uma noção paranoica de que a China criou a doença em laboratório no intuito de lucrar com as soluções por meio da indústria farmacêutica chinesa, ganhando prestígio no pioneirismo do combate ao vírus. A partir disso, o teor apocalíptico do discurso ultradireitista se intensificou, alegando que o *establishment* internacional se beneficiaria com a pandemia (Quinan; Araujo; Albuquerque, 2021; Ferreira, G. 2021; Hirst; Maciel, 2022).

Outrossim, tendo em vista as alianças fatídicas entre o neoliberalismo e o populismo de direita radical no século XXI, a preocupação econômica foi sobreposta à emergência global, objetivando pressionar setores governamentais para não acatar ao lockdown recomendado pela OMS e optar por medidas mais brandas, o que, conseqüentemente, agravaria a condição da pandemia (Lynch; Cassimiro, 2022). De acordo com o viés ultradireitista, as instituições multilaterais acatariam aos interesses chineses em conjunto com a esquerda, unidos numa coalizão para colapsar a economia capitalista, tomar as “liberdades individuais” do povo trabalhador e derrubar os “porta-vozes da verdade” – os políticos populistas de direita radical (Ferreira, G. 2021; Lynch; Cassimiro, 2022).

Diante das euforias conspiracionistas, o polêmico microbiologista francês Didier Raoult alavancou o negacionismo ao promover hidroxicloroquina e cloroquina como

remédios eficazes contra o Coronavírus, o que nunca foi comprovado cientificamente (Sayare, 2020). Por conseguinte, Donald Trump popularizou a hipótese infundada de Raoult, reverberando no *hub* ultradireitista como a “melhor” alternativa em oposição ao isolamento, opção que prejudicaria a economia. Posteriormente, ainda em 2020, as primeiras vacinas surgiram, gerando desconfiança na população devido à sua rapidez (Butantan, s.d.). Tal fato constituiu mais uma peça na narrativa conspiracionista da ultradireita para acusar a ciência de manipular a população, espalhando pânico moral sobre as consequências da vacinação.

Durante os três anos de pandemia, o Brasil realizou uma campanha notavelmente controversa, fator que isolou definitivamente o país do sistema internacional, oferecendo também um perigo fatal à população brasileira, devido ao negacionismo científico. Além dos escândalos de corrupção nos esquemas de compra de vacinas pelo governo (Senado Federal, 2021), os discursos do ex-presidente Jair Bolsonaro foram essenciais na manipulação da opinião pública para desacreditar as recomendações da OMS, alegando que o órgão servia aos interesses da esquerda, em conjunto com a China e o *establishment* internacional (Quinan; Araujo; Albuquerque, 2021). As frases apáticas de Bolsonaro ao abordar sobre a COVID-19 e piadas sobre o estado grave de vítimas referenciaram sua mentalidade de desprezo à realidade pandêmica, minimizando as mais de 700 mil²¹ mortes de brasileiros pela doença (Folha de São Paulo, 2023).

Consoante ao epidemiologista Pedro Hallal (UOL, 2021), estima-se que cerca de 80% das mortes poderiam ter sido evitadas no Brasil, caso houvesse uma política nacional de contenção do vírus. Hallal (UOL, 2021) afirma que “Não foi o governo federal que disse que a pandemia era uma 'gripezinha'. Não foi o governo que incentivou as pessoas a saírem sem máscara, nem quem disse que a vacina pode transformar você em um jacaré. Foi tudo o presidente [Jair Bolsonaro], e é sua responsabilidade”. Não obstante, em um gesto de alinhamento aos EUA e à política negacionista estimulada pelo eixo ultradireitista, Bolsonaro insinuou a retirada do Brasil da OMS, seguido da Organização Pan-americana de Saúde (OPAS), postura copiada de Donald Trump (Rodrigues; Silva; Sabião, 2020).

O núcleo ideológico da PEB bolsonarista se mobilizou no apoio às narrativas do eixo ultradireitista, elaborando um “gabinete paralelo”²² de atuação no contexto pandêmico. Ministros como Ernesto Araújo (Relações Exteriores) e Abraham Weintraub (Educação) acumularam polêmicas em torno de suas postagens e declarações sinofóbicas durante a

²¹ Dados captados até o dia 27 de abril de 2024 (Brasil, 2024).

²² O gabinete paralelo, no contexto da COVID-19, foi elaborado por negacionistas e atores do grupo ideológico para fazer um contraponto às recomendações da OMS e trabalhar com os sustentáculos conspiracionistas da ultradireita (Cordeiro, 2021).

pandemia, relacionando o vírus ao socialismo, o que gerou uma resposta pontual da Embaixada chinesa no Brasil, desequilibrando a salutar relação entre China e Brasil (Mattos, 2020). Já no Ministério da Saúde, as demandas do grupo ultradireitista por um ministro alinhado aos interesses da diplomacia bolsonarista culminaram na ocupação do cargo por quatro ministros diferentes entre 2020 e 2021, sendo os dois primeiros, Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich, médicos que eventualmente discordaram da cosmovisão negacionista do núcleo ideológico e foram exonerados ou renunciaram; o terceiro, Eduardo Pazuello, militar sem formação na medicina que implementou as medidas apoiadas por Bolsonaro; e Marcelo Queiroga, um cardiologista mais pragmático, acusado posteriormente por prevaricação (Poder360, 2021; Vieira, 2021).

Em meio ao crescimento do isolacionismo brasileiro e sua aproximação sistemática com o eixo ultradireitista, as dificuldades em adquirir insumos foram agravadas devido ao atrito provocado pela diplomacia bolsonarista nas relações com a China e a Europa, atores importantes na exportação de vacinas e produtos hospitalares, o que proporcionou eventuais crises no sistema de saúde do Brasil e mortes por excesso, tornando o país o epicentro da COVID em 2021 (Azevedo; Garcia, 2021; Prata, 2023). Em adição, o isolamento vertical – apenas idosos e grupos de risco – e a “imunidade de rebanho” asseguraram o negacionismo enquanto política nacional para o Coronavírus, além da promoção de um “tratamento precoce” ineficaz, que incluía os remédios cloroquina e ivermectina, defendidos pela conspiração da ultradireita global contra a corrida pela vacinação (Calil, 2021; Ferreira, I. 2021). Domesticamente, a crise federativa, que permitiu que os governadores dos estados driblassem a política negacionista, foi fundamental na negociação paradiplomática com outros países pelas vacinas, incentivando também a ciência brasileira (Jucá, 2021).

Como resultado das ações da PEB bolsonarista, o Brasil se tornou um pária internacional. Jair Bolsonaro foi condenado pelo simbólico Tribunal Permanente dos Povos (TPP) por crimes contra a humanidade (Oliveira, 2022), e indiciado por nove crimes no relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia, em conjunto com outros atores do governo – em destaque para os principais membros do núcleo ideológico da diplomacia bolsonarista: Marcelo Queiroga, Eduardo Pazuello, Ernesto Araújo, Carlos Bolsonaro, Eduardo Bolsonaro, Flávio Bolsonaro, Filipe Martins e Arthur Weintraub (Vieira, 2021). Os crimes atribuídos ao então presidente Bolsonaro no relatório da CPI incluem: prevaricação; charlatanismo; epidemia com resultado morte; infração a medidas sanitárias preventivas; emprego irregular de verba pública; incitação ao crime; falsificação de documentos particulares; crimes de responsabilidade (violação de direito social e

incompatibilidade com dignidade, honra e decoro do cargo); e crimes contra a humanidade (nas modalidades extermínio, perseguição e outros atos desumanos) (Vieira, 2021).

Bolsonaro também foi denunciado por várias fontes no Tribunal Penal Internacional (TPI) de Haia, não só pelo desmonte na gestão da pandemia, mas também por colaborar com a degradação do meio ambiente e negligenciar propositalmente a proteção dos povos originários do Brasil (Chade, 2023). O subtópico a seguir irá discorrer sobre a atuação da diplomacia bolsonarista em relação ao negacionismo ambiental e o desprezo pelos biomas brasileiros, causando uma considerável repercussão internacional e atritos com alguns países europeus, em especial a França.

3.3.2. O negacionismo ambiental

As questões de emergência ambiental também se tornaram alvos de críticas pelo *modus operandi* ultradireitista da diplomacia da gestão Bolsonaro. Nesse sentido, é interessante diferenciar as percepções da bolha ideológica da ultradireita no que diz respeito ao meio ambiente, onde se dividem entre: ecofascismo, defendendo que a degradação da natureza é proveniente da imigração e do multiculturalismo; e negacionismo, corrente que se recusa a acreditar nas mudanças climáticas alarmantes e enxerga o discurso ambientalista como uma ameaça ao capitalismo neoliberal e às liberdades (Simões, 2022).

A política externa bolsonarista se apropriou do negacionismo ambiental em prol de instituir, domesticamente, políticas favoráveis ao agronegócio, como um aceno para a bancada ruralista do Congresso e latifundiários, além de manter presente o núcleo econômico da PEB. No processo de erradicar a preocupação ambiental e priorizar a economia agropecuária, as instituições brasileiras foram corrompidas internamente, sofrendo censura e abusos de poder por atores bolsonaristas coniventes com o grupo ideológico da gestão. O Brasil perdeu sua reputação exemplar no discurso de preservação ao meio ambiente devido às dinâmicas ocorridas no governo Bolsonaro, causando repercussão internacional (Herz, 2022; Sousa, 2022). Com efeito, um ator de destaque no desmonte da política ambiental foi o Ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles, que ajudou o núcleo ideológico a propagar o negacionismo ao passo que estimulou os interesses do núcleo econômico. A expressão de Salles, “passar a boiada”, refletiu as intenções de sua gestão de flexibilizar leis ambientais para fomentar o comércio enquanto a mídia estava engajada em noticiar a pandemia de COVID (Sousa, 2022).

A princípio, Jair Bolsonaro desenvolveu seu discurso negacionista em relação ao meio ambiente na sua campanha eleitoral em 2018, verbalizando intenções de sair dos Acordos Climáticos de Paris, gesto feito anteriormente por Donald Trump. Já em 2019, Bolsonaro

volta atrás e expressa, no Fórum Econômico Internacional em Davos, que não pretende realizar tal procedimento “por ora” (G1, 2019). Apesar do anúncio nunca ter sido cumprido, as intenções de se retirar do escopo da governança ambiental global ficaram cada vez mais explícitas ao longo da gestão, o que gerou atritos nas relações internacionais e um gradativo isolamento, agravado com a derrota de Trump nas eleições estadunidenses de 2020 (Sousa, 2022). Outro fator a ser considerado foram as grandes queimadas e o índice de desmatamento brasileiro na Amazônia a partir de 2019, como também a degradação de outros biomas pela pecuária e uso de agrotóxicos (Rodrigues; Silva; Sabião, 2020).

Durante o governo Bolsonaro, a Floresta Amazônica foi alvo de mais de 43 mil focos de queimadas só em 2019, além de comprometer 26% do Pantanal (Greenpeace Brasil, 2022; Sousa, 2022), mobilizando a comunidade internacional contra a situação, uma vez que a emissão de gases do efeito estufa acentuou a crise climática. No que tange ao desmatamento da Amazônia, Pajolla (2023) revela que, de 2019 a 2022, os números somaram uma área de 35.193 km² desmatados, configurando a maior destruição do bioma nos últimos 15 anos. O Greenpeace Brasil (2022) ressalta que o Cerrado, a Mata Atlântica e as reservas marinhas também foram comprometidas. A promoção do fim da fiscalização ambiental censurou órgãos de monitoramento dos ecossistemas brasileiros, ao exemplo do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), no qual o diretor Ricardo Galvão esteve na mira do núcleo ideológico da PEB, que visava esconder as verdadeiras estatísticas do caos ambiental ocorrido no Brasil (Sousa, 2022).

Nesse ínterim, os direitos humanos dos povos originários foram brutalmente violados, sem preocupações com demarcação de terras pelo Estado e invadindo vilas indígenas, visto que a extensa exploração dos recursos naturais brasileiros, principalmente na Amazônia, foi feita de forma ilegal. As atividades desempenhadas, como o garimpo e a grilagem, causaram surtos de malária – durante a pandemia de COVID, que também atingiu as comunidades originárias –, desnutrição, roubo de terras indígenas e diversas mortes (Rodrigues; Silva; Sabião, 2020). Diante dessa conjuntura negada pela diplomacia bolsonarista, o então chanceler Ernesto Araújo declarou que o Brasil era uma vítima da narrativa do “climatismo”, um suposto complô esquerdista global para sabotar as economias e a soberania de países ocidentais (Sousa, 2022).

Em resposta, alguns países da União Europeia, especialmente a França, se posicionaram contra as medidas praticadas pela PEB ultradireitista, obstruindo o acordo Mercosul-UE. A persistência do governo Bolsonaro em difundir o discurso negacionista em prol do agronegócio culminou na suspensão de recursos do Fundo Amazônia, investimento

milionário da Noruega e da Alemanha em políticas públicas para a preservação da Floresta Amazônica (Sousa, 2022). Tal episódio desencadeou uma maior solidificação da diplomacia bolsonarista, que acusou os países denunciadores do caos ambiental no Brasil de possuir o interesse em interferir nos assuntos domésticos brasileiros, ferindo a soberania nacional (Sousa, 2022). Por conseguinte, a China apoiou a decisão “protecionista” do Brasil, abrindo caminho para que o grupo pragmático da PEB pudesse reajustar os atritos das relações sino-brasileiras causados pelo núcleo ultradireitista (Guimarães; Silva, 2021), o que custou a remoção de Ricardo Salles da gestão, substituído por um ruralista mais pragmático, Joaquim Leite (Barbosa, 2021).

CONCLUSÃO

Diante do exposto, entende-se que, no século XXI, o avanço nos meios de comunicação, somado ao fenômeno da globalização proporcionaram novas plataformas de difusão do discurso ultradireitista, que se proliferou a partir de uma conjuntura de pessimismo em relação à ordem liberal internacional e suas pretensões de edificar uma sociedade mais igualitária e diversificada culturalmente, com valores cosmopolitas. A ansiedade econômica e o *backlash* cultural foram fatores que reverberaram sentimentos antidemocráticos, xenofóbicos, racistas e ultraconservadores.

Nesse ínterim, a América Latina também foi atingida com a ascensão da ultradireita, no qual a Onda Marrom deu voz à atores, líderes e partidos políticos com discursos ultradireitistas, em resposta a uma insatisfação com o *establishment* latino-americano e as consequências da Onda Rosa de governos esquerdistas. É interessante ressaltar as dinâmicas de dependência na AL para compreender as alianças entre as classes dominadas-dominantes e o crescente setor populista de direita radical anti-esquerda, bem como as influências do trumpismo, da *alt-right* consolidada por Steve Bannon e dos *think tanks* de pensamento direitista radical, na formulação de estratégias para exercer poder político e eleitoral.

Sob essa lógica, em busca de sobrevivência ideológica em um mundo globalizado e dotado de valores liberais democráticos, a ultradireita se organiza em uma espécie de eixo, onde compartilham princípios e estratégias para fazer um contraponto à ordem liberal internacional e às instituições multilaterais. O *modus operandi* em política externa do *hub* ultradireitista possui duas identidades distintas: para lidar com seus pares, assume posturas mais assertivas e de reafirmação aos valores da ultradireita, com a identidade densa; já a identidade tênue é utilizada para tentar dialogar com os “inimigos” – países que representam uma ameaça para a ultradireita –, de forma mais contraditória e dotada de ambiguidades. As conexões ideológicas do eixo ultradireitista possuem focos centrais e personagens mais marginalizados.

Na América Latina, o Brasil se destaca pelo número de conexões e por exercer influência na ascensão da ultradireita latino-americana com o bolsonarismo, corrente político-ideológica alinhada com as posições de Jair Bolsonaro. O viés bolsonarista adotado a partir da vitória eleitoral de Bolsonaro nas eleições de 2018 ganha uma dimensão específica voltada para a PEB, onde organiza os núcleos ideológico, econômico e militar, conduzidos por princípios ultradireitistas. Entretanto, observou-se a existência de atores pragmáticos

dentro de cada núcleo, no qual executaram funções de “conter os danos” causados eventualmente por ações dos atores ideológicos.

Em suma, a diplomacia bolsonarista construiu uma estrutura complementar, com o fito de buscar apoio internacional dentro do *hub* ultradireitista, consolidar tais relações e legitimar o bolsonarismo enquanto uma ideologia sólida no âmbito internacional, para fidelizar uma base eleitoral domesticamente, o que implicou uma ruptura na tradição de PEB, abandono das relações com diversos parceiros convencionais e transformação do discurso brasileiro em temas como aborto, religião e direitos humanos. A pesquisa conclui que a conduta da política externa bolsonarista assumiu o *modus operandi* das identidades densa e tênue, tendo em vista as relações paradoxais com a China, em contraste com as empreitadas puramente ideológicas com atores do eixo ultradireitista, como os EUA no período Trump. É notório que a identidade tênue foi movimentada pelos atores pragmáticos da diplomacia bolsonarista, assumindo posturas contraditórias e de conter os danos econômicos e diplomáticos causados pelo núcleo ideológico.

Ao passo que o Brasil se alinhou de modo submisso ao governo trumpista, a derrota de Trump em 2021 implicou em um isolamento crescente brasileiro no sistema internacional, agravando as pressões domésticas dos grupos pragmáticos em relação às posturas do núcleo ideológico. A PEB de Bolsonaro também inflamou atritos e rompeu tradições discursivas brasileiras ao se aproximar de Israel – para cumprir um compromisso com a ultradireita global e os setores evangélicos –, e dialogar com Taiwan, uma vez que a China foi colocada como a principal “inimiga” do *hub* ultradireitista, fator caro ao Brasil, pois o desgaste nas relações sino-brasileiras gerou prejuízos econômicos e diplomáticos, em conjunto à sinofobia difundida pelos conspiracionismos da ultradireita durante a pandemia de COVID.

A PEB ultradireitista teria negligenciado a importância da América Latina em relação à integração regional, retirando-se de mecanismos como a CELAC e a UNASUL, para dialogar com os empreendimentos da Onda Azul, ao exemplo do PROSUL. Posteriormente, a diplomacia bolsonarista tentou projetar a ultradireita na região a partir de cúpulas e conferências, visando promover conexões e solidificar a ideologia na PEB. Já as relações Brasil-Europa foram centradas na questão da degradação ambiental causada pelo negacionismo e prioridades comerciais brasileiras, além de buscar um alinhamento com líderes e partidos ultradireitistas europeus, expandindo seu *networking* no *hub* ideológico.

O esvaziamento do discurso de PEB, conduzido pela diplomacia bolsonarista, também se deu pela celebração de acordos de teor ultraconservador em matéria de direitos humanos, migração, direitos reprodutivos e liberdade de expressão, onde se objetivou solidificar a

confiança no *hub* ultradireitista, agregando em empreitadas ideológicas e de conotação religiosa cristã, uma vez que a crença na cristofobia era uma das pautas valorizadas pela política externa da gestão Bolsonaro. Sendo assim, constata-se que os acordos puramente político-ideológicos assinados pelo Brasil tiveram menos objeções pelos atores pragmáticos, em contraste com ações ultradireitistas que prejudicaram o país economicamente, mobilizando uma contenção de danos e assunção da identidade tênue. A hostilidade e falta de compromisso com as instituições internacionais também foram comportamentos estimulados pelo *modus operandi* bolsonarista, que ficaram mais explícitos a partir da conduta negacionista do Brasil com a pandemia, culminando em um alto número de mortalidade pela COVID. Após 2021, percebe-se uma virada para o núcleo ideológico, sofrendo sucessivas substituições e inserção de personalidades mais pragmáticas para lidar com o isolacionismo brasileiro.

Com efeito, torna-se evidente que a ultradireita global no século XXI exerceu uma influência determinante na política externa do governo de Jair Bolsonaro, promovendo uma ruptura nas premissas de PEB pós-Redemocratização, de modo a transformar a tradição discursiva diplomática brasileira para um viés puramente ideológico, em conjunto com o projeto de poder do *hub* ultradireitista. A diplomacia bolsonarista é sustentada pelas narrativas da ultradireita global, o que fomentou a questão da “guerra cultural” contra os “inimigos” do Ocidente moderno e o contraponto à ordem liberal internacional, inserindo tal ideologia como um quadro de referência para a tomada de decisões e comportamentos do Brasil em relação aos outros atores do sistema internacional.

A partir da empreitada dos setores mais ideológicos da PEB da gestão Bolsonaro, temas de cunho ultraconservador e posicionamentos antidemocráticos, xenófobos, tradicionalistas e nativistas foram priorizados, orientando a celebração de determinados acordos e sistematizando políticas ultradireitistas em momentos atípicos, ao exemplo do negacionismo ambiental e do desestímulo a seguir as medidas sanitárias sugeridas pela OMS durante a pandemia de COVID. O repúdio a aspectos democráticos também foi enfatizado, por meio de ataques às organizações internacionais e comentários sobre outros países que feriram o decoro diplomático. Todavia, os impactos da ultradireita como um referencial na PEB bolsonarista trouxeram consequências negativas para a imagem do Brasil no sistema internacional, bem como prejuízos comerciais, o que minou a confiança no país nos âmbitos políticos, econômicos e diplomáticos.

Portanto, a hipótese de que diplomacia bolsonarista é produto da ascensão da ultradireita global e busca obedecer à agenda de poder do *hub* ultradireitista a partir de

acordos, posicionamentos e alinhamentos seletivos em política externa é confirmada pela pesquisa. Percebe-se um vínculo sólido entre a ultradireita global e a condução ideológica da PEB na gestão Bolsonaro, tendo em vista que a conjuntura de ascensão de líderes e partidos ultradireitistas no século XXI possibilitou o surgimento e expansão do bolsonarismo, que soube se articular para ganhar uma centralidade no *hub* da ultradireita contemporânea. O bolsonarismo capta estratégias do trumpismo, da *alt-right*, da metapolítica e muitas outras dinâmicas da ultradireita que foram trazidas ao Brasil inicialmente por Olavo de Carvalho nos anos 2000, adaptando o discurso para a realidade brasileira, onde os principais inimigos são a esquerda e os grupos minoritários que tiveram uma melhoria na sua qualidade de vida durante a Onda Rosa. Os esforços da diplomacia bolsonarista almejam sincronizar a agenda de poder do *hub* ultradireitista com os interesses de PEB, objetivando um maior prestígio e reconhecimento diante da coalizão.

Não obstante, o *hub* ultradireitista sofreu uma oscilação negativa após a derrota de Donald Trump nas eleições estadunidenses em 2020, uma das principais personalidades do eixo ideológico. Em consequência disso, a diplomacia bolsonarista também foi enfraquecida, resultando em um isolamento crescente, que buscou ser preenchido com outros atores menos centrais, aproximando-se de parceiros não-convencionais de PEB. No âmbito doméstico, houve uma urgência para elencar figuras mais pragmáticas e assim frear alguns prejuízos do discurso ultradireitista.

Isto posto, a pesquisa buscou contribuir para elucidar sobre as dinâmicas da ultradireita no século XXI, destacando seu *modus operandi* em política externa através da formação de um eixo ideológico de países, líderes e partidos políticos, apesar desse *hub* ainda estar em constante transformação e não conseguir estreitar relações entre todos os membros. Outrossim, é essencial compreender a diplomacia bolsonarista como uma vertente internacional da corrente do bolsonarismo – pensamento moldado na figura de Bolsonaro para conduzir políticas públicas domésticas conforme o populismo de direita radical. O trabalho apresentado reconhece a importância de agregar academicamente no que tange ao conhecimento sobre a ultradireita no Brasil e suas nuances ao serem aplicadas à política externa, estabelecendo um parâmetro para comportamentos e narrativas que devem ser identificados a fim de afastar a ultradireita do *mainstream* político, além de expor a mentalidade nociva da ideologia.

Logo, novas agendas de pesquisa a partir deste trabalho podem se concentrar em discussões sobre a continuidade do bolsonarismo na política brasileira, avaliar os impactos da diplomacia bolsonarista regionalmente ou ao nível da coalizão ideológica, levantar estudos

comparativos de política externa entre países do *hub* ultradireitista ou até mesmo examinar a influência de acordos celebrados pela ultradireita global para a ordem liberal internacional.

Por fim, urge que as ideias da ultradireita e do bolsonarismo sejam reconhecidas como cosmovisões de alta periculosidade para o Brasil e a comunidade internacional, uma vez que ameaçam toda a construção da democracia, dos direitos das minorias e das liberdades, conquistados após muito esforço pelos grupos sociais. Somente a democracia pode resguardar a sociedade do sofrimento traumático do totalitarismo.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Jeffrey C. Vociferando Contra o Iluminismo: A ideologia de Steve Bannon. *Sociologia e Antropologia*, vol.8, n.3, pp.1009-1023, 2018.

ALTEMANI, Henrique. *Política Externa Brasileira*. São Paulo: Saraiva, 2005.

ANDRADE, Hanrrikson. Bolsonaro exalta Trump após EUA desclassificarem Brasil como emergente. Brasília: UOL, 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2020/02/11/bolsonaro-exalta-trump-um-dia-apos-eua-desclassificar-brasil-como-emergente.htm>. Acesso em: 10 abr. 2024.

ARAÚJO, Ernesto. Trump e o ocidente. *Cadernos de Política Exterior*, ano III, n. 6, 2º semestre, 2017. p. 323–357.

ASSEMBLEIA GERAL DA ONU. Note verbale dated 27 June 2019 from the Permanent Mission of Brazil to the United Nations addressed to the President of the General Assembly. A/74/124, jun. 2019.

AZEVEDO, Ana Lucia. GARCIA, Rafael. Com 2.349 mortos em um dia, Brasil vira o epicentro da pandemia. *O Globo*, 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/coronavirus/com-2349-mortos-em-um-dia-brasil-vira-epicentro-da-pandemia-24919198>. Acesso em: 27 abr. 2024.

BARBOSA, Juliana. Saiba quem é o ruralista Joaquim Leite, novo titular do Meio Ambiente. *Metrópoles*, 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/saiba-quem-e-o-ruralista-joaquim-leite-novo-titular-do-meio-ambiente>. Acesso em: 9 jun. 2024.

BRASIL DE FATO. Bolsonaro entrega Base de Alcântara a Trump e reafirma subordinação aos EUA. São Paulo: Brasil de Fato – Redação, 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/03/18/bolsonaro-entrega-base-de-alcantara-a-trump-e-concretiza-subordinacao-aos-eua>. Acesso em: 10 abr. 2024.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 09 jun. 2024.
BRASIL. Nota à Imprensa nº 127/2020: Cerimônia virtual de assinatura da Declaração sobre Consenso de Genebra de 22 de outubro de 2020. Ministério das Relações Exteriores, 2020. Disponível em: https://www.gov.br/mre/pt-br/canais_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/2020/cerimonia-virtual-de-assinatura-da-declaracao-sobre-consenso-de-genebra-22-de-outubro-de-2020. Acesso em: 20 abr. 2024.

BRASIL. Painel Coronavírus. *Coronavírus Brasil*, Governo Federal. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 27 abr. 2024.

BUTANTAN. A velocidade com que foi criada a vacina da Covid-19 é motivo de preocupação? Especialista do Butantan responde. Portal do Butantan, Instituto Butantan, s.d. Disponível em:

<https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/a-velocidade-com-que-foi-criada-a-vacina-da-covid-19-e-motivo-de-preocupacao-especialista-do-butantan-responde>. Acesso em: 27 abr. 2024.

CAETANO, Guilherme. Milei, Bukele, partido Chega: vitórias conservadoras no exterior mobilizam extrema-direita brasileira. São Paulo: O Globo, 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2024/03/18/millei-bukele-partido-chega-vitorias-con-servadoras-no-externo-mobilizam-extrema-direita-brasileira.ghtml>. Acesso em: 12 mai. 2024.

CALIL, Gilberto Grassi. A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 140, p. 30-47, jan./abr. 2021.

CASARÕES, Guilherme. O movimento bolsonarista e a americanização da política brasileira: causas e consequências da extrema direita no poder. São Paulo: *Journal of Democracy em Português*, v. 11, n. 2, 2022.

CEPALUNI, Gabriel. VIGEVANI, Tullo. A Política Externa de Lula da Silva: A Estratégia da Autonomia pela Diversificação. Rio de Janeiro: *Contexto Internacional*, vol. 29, no 2, julho/dezembro 2007, p. 273-335.

CHADE, Jamil. Bolsonaro usa viagem para costurar alianças com líderes da extrema direita. UOL, 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2022/09/19/bolsonaro-usa-viagem-para-mobilizar-extrema-direita-no-mundo.htm>. Acesso em: 06 abr. 2024.

CHADE, Jamil. Em Haia, denúncia contra Bolsonaro ganha força e mobiliza investigadores. UOL, 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2023/04/25/em-haia-denuncia-contra-bolsonaro-ganha-forca-e-mobiliza-investigadores.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 27 abr. 2024.

CHARLEAUX, João Paulo. Como o crescimento do nacionalismo promove a ‘desglobalização’. *Nexo*, 2016. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/entrevista/2016/10/16/como-o-crescimento-do-nacionalismo-promove-a-desglobalizacao>. Acesso em: 20 mai. 2024.

CORDEIRO, Tiago. Quem são e o que dizem as pessoas acusadas de participar do suposto gabinete paralelo. *Gazeta do Povo*, 2021. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/quem-sao-e-o-que-dizem-as-pessoas-acusadas-de-participar-do-suposto-gabinete-paralelo/>. Acesso em: 27 abr. 2024.

DAL PIVA, Juliana et al. Eduardo Bolsonaro fez 125 reuniões com ultradireita na América Latina e EUA. UOL, 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/juliana-dal-piva/2023/08/07/eduardo-bolsonaro-fez-125-reunioes-com-ultradireita-na-america-latina-e-eua.htm>. 07 set. 2023.

DANTAS, Dimitrius. CAMPOREZ, Patrik. BRONZATTO, Thiago. Abin de Bolsonaro usou programa secreto para monitorar localização de pessoas por meio do celular. Brasília: O Globo, 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/03/abin-de-bolsonaro-usou-programa-secreto-para-monitorar-localizacao-de-pessoas-por-meio-do-celular.ghtml>. Acesso em: 21 abr. 2024.

DAVIES, Peter. *The extreme right in France, 1789 to the present*. Londres: Routledge, 2002.

DESIDERI, Leonardo. *Aliança pela Liberdade Religiosa une Trump e Bolsonaro; conheça os princípios*. Brasília: *Gazeta do Povo*, 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/principios-da-alianca-pela-liberdade-religiosa/>. Acesso em: 20 abr. 2024.

ENGELS, David. *Oswald Spengler and the Decline of the West*. In: SEDGWICK, Mark. *Key Thinkers of the Radical Right: Behind the New Threat to Liberal Democracy*. New York: Oxford University Press, 2019.

FERREIRA, Gil Baptista. *Teorias da Conspiração em Tempos de Pandemia Covid-19: Populismo, Media Sociais e Desinformação*. *Comunicação e Sociedade*, vol. 40, 2021, pp. 129-148.

FERREIRA, Ivanir. “Tratamento precoce” e “kit covid”: a lamentável história do combate à pandemia no Brasil. São Paulo: *Jornal da USP*, 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/tratamento-precoce-e-kit-covid-a-lamentavel-historia-do-combate-a-pandemia-no-brasil/>. Acesso em: 27 abr. 2024.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Em 15 frases, relembre desprezo de Bolsonaro no combate à pandemia da Covid-19*. São Paulo: *Folha de São Paulo*, 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/05/em-15-frases-relembre-desprezo-de-bolsonaro-pela-pandemia-da-covid-19.shtml>. Acesso em: 27 abr. 2024.

G1. *Bolsonaro na embaixada da Hungria: entenda a ligação do ex-presidente com Viktor Orbán, o primeiro-ministro húngaro*. G1, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/03/25/bolsonaro-na-embaixada-da-hungria-entenda-a-ligacao-do-ex-presidente-com-viktor-orban-o-primeiro-ministro-hungaro.ghtml>. Acesso em: 05 mai. 2024.

G1. *Em Davos, Jair Bolsonaro diz que, por ora, Brasil não vai deixar o Acordo de Paris sobre o clima*. G1, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/22/em-davos-jair-bolsonaro-diz-que-por-ora-o-brasil-nao-vai-deixar-o-acordo-de-paris-sobre-o-clima.ghtml>. Acesso em: 04 mai. 2024.

G1. *Steve Bannon: da articulação conservadora internacional à prisão, veja trajetória do ex-estrategista de Trump*. G1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/08/20/steve-bannon-da-articulacao-conservadora-internacional-a-prisao-veja-trajetoria-do-ex-estrategista-de-trump.ghtml>. Acesso em: 07 set. 2023.

GONZÁLEZ, Miguel. GORTÁZAR, Naiara Galarraga. MOLINA, Federico Rivas. *Partido de extrema direita espanhol tece aliança anticomunista na América Latina*. *El País*, 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-10-18/partido-de-extrema-direita-espanhol-tece-alianca-anticomunista-na-america-latina.html>. Acesso em: 05 mai. 2024.

GRAGNANI, Juliana. *O que significa para o Brasil se tornar um 'aliado preferencial extra-Otan' dos EUA?*. Londres: *BBC News Brasil*, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49199195>. Acesso em: 10 abr. 2024.

GREENPEACE BRASIL. A verdade sobre a Amazônia sob o governo Bolsonaro. Greenpeace, 2022. Disponível em: <https://www.greenpeace.org/brasil/blog/a-verdade-sobre-a-amazonia-sob-o-governo-bolsonaro/>. Acesso em: 04 mai. 2024.

GUIMARÃES, Feliciano de Sá. SILVA, Irma Dutra de Oliveira. Far-right populism and foreign policy identity: Jair Bolsonaro's ultra-conservatism and the new politics of alignment. Oxford University Press, *International Affairs*, v. 97, n. 2, 2021, p. 345-363.

HAKL, Thomas. Julius Evola and Tradition. In: SEDGWICK, Mark. *Key Thinkers of the Radical Right: Behind the New Threat to Liberal Democracy*. New York: Oxford University Press, 2019.

HERZ, Monica. A conservative foreign policy for Brazil. *Rio de Janeiro: Latin American Policy*, 13, 2022, p. 376-388. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/lamp.12271>. Acesso em: 06 abr. 2024.

HIRST, Monica. MACIEL, Tadeu. A Política Externa do Brasil nos tempos do governo Bolsonaro. In: SciELO Preprints, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.4771>. Acesso em: 06 abr. 2024.

HOEVELER, Rejane Carolina. A reorganização da extrema direita latinoamericana no ascenso bolsonarista: fóruns e redes organizativas. In: FARIA, Fabiano Godinho; MARQUES, Mauro Luiz Barbosa. *Giros à direita: análises e perspectivas sobre o campo líbero-conservador*. Sobral: Sertão Cult, 2020.

JESUS, Diego Santos Vieira de. The Strategy of Chaos: Brazilian Foreign Policy under Jair Bolsonaro (2019-2022). *International Journal of Social Science Studies*, vol. 10, no. 6, nov. 2022.

JUCÁ, Beatriz. Chip na vacina, “virar jacaré” e outros mitos criam pandemia de desinformação na luta contra a covid-19. São Paulo: El País, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-12-20/chip-na-vacina-virar-jacare-e-outros-mitos-criam-pandemia-de-desinformacao-na-luta-contr-a-covid-19.html>. Acesso em: 30 mai. 2024.

JUCÁ, Beatriz. Com dificuldade federal em trazer insumos, governadores buscam novos fornecedores para vacinas. São Paulo: El País, 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-21/com-fracasso-federal-em-trazer-doses-e-insumos-governadores-buscam-novos-fornecedores-para-vacinas.html>. Acesso em: 27 abr. 2024.

LEVITSKY, Steven. ZIBLATT, Daniel. *Como as Democracias Morrem*. Tradução: Renato Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LIMA, João Gabriel de. A aliança global da direita radical. *Revista Piauí*, edição 199, 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/alianca-global-direita-radical/>. Acesso em: 9 jun. 2024.

LORRAN, Tácio. Após negar ofensa, Bolsonaro apaga comentário sobre Brigitte Macron. *Metrópoles*, 2019. Disponível em:

<https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/apos-negar-ofensa-bolsonaro-apaga-comentario-sobre-brigitte-macron>. Acesso em: 05 mai. 2024.

LYNCH, Christian. CASSIMIRO, Paulo Henrique. O populismo reacionário: ascensão e legado do bolsonarismo. São Paulo: Editora Contracorrente, 2022.

MATTOS, Rodrigo. Em meio a atrito, Brasil negocia com a China equipamentos contra covid-19. UOL, 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/04/08/em-atrito-com-china-brasil-ja-tinha-problemas-para-comprar-insumos.htm>. Acesso em: 27 abr. 2024.

MAZUI, Guilherme. Fora da agenda, Bolsonaro se reúne com deputada de extrema direita da Alemanha. Brasília: G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/07/26/fora-da-agenda-bolsonaro-se-reune-com-deputada-de-extrema-direita-da-alemanha.ghtml>. Acesso em: 06 abr. 2024.

MERCOSUL. Mercosur cierra un histórico Acuerdo de Asociación Estratégica con la Unión Europea. Mercosul, 2019. Disponível em: <https://www.mercosur.int/mercotur-cierra-un-historico-acuerdo-de-asociacion-estrategica-con-la-union-europea/>. Acesso em: 05 mai. 2024.

MILNER, Helen. Interests, Institutions, and Information - Domestic Politics and International Relations. New Jersey: Princeton University Press, 1997.

MOTA, Camila Veras. Brasil é país que menos julgou e puniu crimes da ditadura na região, diz historiadora argentina. São Paulo: BBC News Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-61171113>. Acesso em 09 jun. 2024.

MUDDE, Cas. The Far Right Today. Cambridge: Polity Press, 2019.

MUDDE, Cas. The Ideology of the Extreme Right. Manchester: Manchester University Press, 2000.

NORRIS, Pippa; INGLEHART, Ronald. Cultural Backlash: Trump, Brexit and Authoritarian Populism. New York: Cambridge University Press, 2018.

O GLOBO. Ala ideológica no Planalto: quem saiu e quem permanece no governo Bolsonaro. O Globo, 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/ala-ideologica-no-planalto-quem-saiu-quem-permanece-no-governo-bolsonaro-24942760>. Acesso em: 30 mai. 2024.

OLIVEIRA, Augusto Neftali Corte de Oliveira. Neoliberalismo durável: o Consenso de Washington na Onda Rosa Latino-Americana. Opinião Pública, Campinas, vol. 26, nº 1, jan.-abr., p. 158-192, 2020.

OLIVEIRA, Caroline. Bolsonaro é condenado por crimes contra a humanidade no Tribunal Permanente dos Povos. São Paulo: Brasil de Fato, 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/09/01/bolsonaro-e-condenado-por-crimes-contra-a-humanidade-no-tribunal-permanente-dos-povos>. Acesso em: 27 abr. 2024.

OLIVEIRA, Felipe Antunes de. The rise of the Latin American far-right explained: dependency theory meets uneven and combined development. *Globalizations*, DOI: 10.1080/14747731.2019.1567977, 2019.

ORELLANA, Pablo de. MICHELSEN, Nicholas. Reactionary Internationalism: The philosophy of the New Right. *Review of International Studies*. vol. 45, Special Issue 5: Special Issue on Populism, 2019. p. 748-767.

PAJOLLA, Murilo. Com Bolsonaro, desmatamento na Amazônia cresce 150%, pior marca já registrada pelo Imazon. *Lábrea: Brasil de Fato*, 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/01/20/com-bolsonaro-desmatamento-na-amazonia-cresce-150-pior-marca-ja-registrada-pelo-imazon#:~:text=Entre%202019%20e%202022%2C%20durante,de%20Sergipe%20e%20Alagoas%20juntos>. Acesso em: 04 mai. 2024.

PEREIRA, Célia Barbosa da Silva. A atualidade da classificação político-ideológica: esquerda e direita. *Argumentum*, Vitória, v. 11, n. 1, p. 69-8, jan./abr. 2019.

PERISSINOTTO, Renato. STUMM, Michelli Gonçalves. A virada ideacional: quando e como ideias importam. *Revista de Sociologia e Política*, v. 25, n. 64, p. 121-148, dez. 2017.

PINI, André Mendes. *Desinformação e Populismo de Direita Radical: As eleições de Donald Trump em 2016*. Brasília: Universidade de Brasília, 2021.

PINI, André Mendes. NOBRE, Fábio Rodrigo Ferreira. MENEZES, Maria Eduarda Angeiras de. O Neopentecostalismo no Brasil e a convergência com a ultradireita no populismo reacionário de Jair Bolsonaro. In: *Dossiê: O Avanço da Ultradireita no Brasil e no Mundo*. *Revista de Iniciação Científica em Relações Internacionais (RICRI)*, v. 11, n. 21, 2023, p. 1-16.

PODER360. Queiroga será o 4º ministro da Saúde de Bolsonaro; relembre os nomes. *Poder 360*, 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/queiroga-sera-o-4o-ministro-da-saude-de-bolsonaro-relembre-os-nomes>. Acesso em: 27 abr. 2024.

PRADO, Michele. *Tempestade Ideológica – Bolsonarismo: a Alt-Right e o Populismo Iliberal no Brasil*. São Paulo: Editora Lux, 2021.

PRATA, João. Qual a dificuldade do Brasil para importar insumos e vacinas contra a covid?. *Estadão*, 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/saude/qual-a-dificuldade-do-brasil-para-importar-insumos-e-vacinas-contra-a-covid/>. Acesso em: 27 abr. 2024.

PRAZERES, Leandro. Na ONU, Bolsonaro se reunirá com líderes de países que somam 0,75% das exportações do Brasil. *Brasília: BBC News Brasil*, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62922622>. Acesso em: 05 mai. 2024.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), 2005. p. 117-142.

QUINAN, Rodrigo. ARAUJO, Mayara. ALBUQUERQUE, Afonso de. A Culpa é da China! O discurso sino-conspiratório no governo Bolsonaro em tempos de COVID-19. Revista Eco-Pós - Dossiê Guerras Culturais, v.24, n.2, 2021.

RAZIEL, Zedryk. El autoritarismo de Nayib Bukele contagia la política latinoamericana. San Salvador: El País, 2023. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2023-08-20/el-autoritarismo-de-nayib-bukele-contagia-la-politica-latinoamericana.html>. Acesso em: 9 jun. 2024.

ROCHA, Camila. “Menos marx, mais Mises”: Uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). São Paulo: Tese (Doutorado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2018. 233p.

RODRIGUES, Gilberto M. A. SILVA, Isabela Montilha da. SABIÃO, Mirella. Política externa, direitos humanos e pandemia de Covid-19. In: AZZI, Diego Araújo; RODRIGUES, Gilberto Marcos Antonio; SOUSA, Ana Tereza Lopes Marra de. (orgs.). A Política Externa de Bolsonaro na Pandemia. São Bernardo do Campo: Observatório Política Externa Brasileira, 2020. p. 57-70.

ROSSI, Edson. Como o escândalo Pegasus fez Brasil ser banido de negócios com Israel. Isto É - Dinheiro, 2021. Disponível em: <https://istoedinheiro.com.br/como-o-escandalo-pegasus-fez-brasil-ser-banido-de-negocios-com-israel/>. Acesso em: 21 abr. 2024.

SALGADO, Carolina. Contested Cosmopolitanism in Populist Radical Right Foreign Policy. In: SALGADO, Carolina. CASARÕES, Guilherme. ZARAKOL, Ayse. Forum: Populist Radical Right & Illiberal Foreign Policymaking. Contexto Internacional, Special Issue: New directions for foreign policy analysis, vol. 45(2), 2023.

SALGADO, Carolina. SANDRIN, Paula. A “Pink Tide” Then a “Turn to the Right”: Populisms and Extremism in Latin America in the Twenty-First Century. In: GUILHERME, Bettina de Souza. GHYMERS, Christian. GRIFFITH-JONES, Stephany. HOFFMANN, Andrea Ribeiro. Financial Crisis Management and Democracy Lessons from Europe and Latin America. Cham: Springer, 2021. p. 265-279.

SANAHUJA, José Antonio. BURIAN, Camilo López. The new Latin American neo-patriotic far-right: reactionary internationalism and its challenge to the international liberal order. Porto Alegre: Revista Conjuntura Austral, v.11, n.55, jul/set. 2020. p.22-34.

SANAHUJA, José Antonio. BURIAN, Camilo López. VITELLI, Marina. The rise of the new far right in Latin America: Crisis of globalization, authoritarian path dependence and civilian-military relations. In: MACHADO, Rosana Pinheiro. MAIA, Tatiana Vargas. The Rise of the Radical Right in the Global South. Abingdon: Routledge, 2023. p. 112-124.

SARAIVA, José Flávio Sombra. Autonomia na Inserção Internacional do Brasil: Um Caminho Histórico Próprio. Rio de Janeiro: Contexto Internacional, vol. 36, no. 1, janeiro/junho 2014, p. 9-41.

SARAIVA, Miriam Gomes. SILVA, Álvaro Vicente Costa. Ideologia e Pragmatismo na Política Externa de Jair Bolsonaro. Relações Internacionais, n. 64, 2019. p. 117-137.

SARAIVA, Miriam Gomes. South America at the core of Brazilian foreign policy during Bolsonaro's administration (2019-2022). *Rev. Bras. Polít. Int.*, 65(2): e024, 2022.

SAYARE, Scott. O Arauto da Cloroquina. TELLAROLI, Sergio (trad.). *Revista Piauí*, Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-arauto-da-cloroquina/>. Acesso em: 27 abr. 2024.

SCHMIDT, Thales. Bolsonaro tem aliados organizados e "neofascistas" na Europa, diz eurodeputada. São Paulo: Brasil de Fato, 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/10/04/bolsonaro-tem-aliados-organizados-e-neofascista-s-na-europa-diz-eurodeputada>. Acesso em: 06 abr. 2024.

SCHUTTE, Giorgio Romano. FONSECA, Bruno Castro Dias da. CARNEIRO, Gabriel Santos. Jogo de Dois Níveis voltado ao eleitorado: Uma análise da política externa bolsonarista. *Revista Conjuntura Global*, v. 8, n. 2, 2019, p. 97-116.

SEDGWICK, Mark. *Against the Modern World: Traditionalism and the Secret Intellectual History of the Twentieth Century*. New York: Oxford University Press, 2004.

SENADO FEDERAL. Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia - Relatório Final. Brasil: SenadoFederal, 2021. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1wyq0Lwe0a6mLRz1a4xKqdpjarIWTDXPj/view>. Acesso em: 27 abr. 2024.

SILVA, Fabricio Pereira da. Definindo os "neogolpes". Rio Grande: *Revista Latino-Americana de Relações Internacionais*, v.3, n.3, p. 55-66, 2021.

SIMÕES, Amanda Silva. MELO, Fernanda C. Alves Bezerra de. SILVA, Maria Gisele Macedo. A ultradireita global e o governo Bolsonaro: Uma análise das interconexões ideológicas. In: *Dossiê: O Avanço da Ultradireita no Brasil e no Mundo*. *Revista de Iniciação Científica em Relações Internacionais (RICRI)*, v. 11, n. 21, 2023, p. 1-17.

SIMÕES, Carolline Teixeira. *A Causa Ambiental na Extrema - Direita: do Negacionismo ao Ecofascismo Análise da Politização do Meio Ambiente pela Extrema - Direita do Brasil e da Hungria*. Orientador: Isabel Estrada Carvalhais Dissertação. 2022. 78p. (Mestrado de Ciência Política) – Escola de Economia e Gestão, Universidade do Minho, Braga, 2022. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/82886>.

SOUSA, Mikaela Carla Lobo de. *Política Externa Brasileira para o meio ambiente no governo Bolsonaro: do protagonismo internacional ao negacionismo ambiental*. Orientador: Professor Doutor Rodolfo Ilário da Silva. Monografia - Graduação - Universidade Federal do Tocantins - Campus Universitário de Porto Nacional - Curso de Relações Internacionais, 2022. 57p.

SPEKTOR, Matias. Diplomacia da Ruptura. In: S. Abranches, R. Almeida, A. Alonso, C. Rocha de Barros, M. B. de Petrônio Domingues, C. Dunker, & G. Venturi (Eds.), *Democracia em Risco? 22 ensaios sobre o Brasil* (pp. 324–338). Companhia das Letras.

STANLEY, Jason. *Como funciona o fascismo: A política do "nós" e "eles"*. L&PM Editores, 2018.

TEITELBAUM, Benjamin. Guerra pela Eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista. Trad.: Cynthia Costa. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

TEIXEIRA, Matheus. Ex-chefe do Exército diz que golpe discutido com Bolsonaro se embasou em tese de Ives Gandra. Brasília: Folha de São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2024/03/ex-chefe-do-exercito-diz-que-golpe-discutido-com-bolsonaro-se-embasou-em-tese-de-ives-gandra.shtml>. Acesso em: 06 abr. 2024.

TEÓFILO, Sarah. ‘Abin paralela’: grupo pede à Justiça de Israel investigação sobre uso de programa espião no Brasil. Brasília: O Globo, 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2024/02/01/abin-paralela-grupo-pede-a-justica-de-israel-investigacao-sobre-uso-de-programa-espiao-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 21 abr. 2024.

UOL. Brasil poderia ter impedido 400 mil mortes por covid, diz epidemiologista. UOL - VivaBem, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/06/29/brasil-covid-19-mortes-pedro-hallal.htm>. Acesso em: 27 abr. 2024.

VIDIGAL, Carlos Eduardo. Bolsonaro e a reorientação da política exterior brasileira. Brasília: Meridiano 47, vol. 20, e20011, 2019.

VIEIRA, Anderson. Com nove crimes atribuídos a Bolsonaro, relatório da CPI é oficialmente apresentado. Agência Senado, 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/10/20/com-nove-crimes-atribuidos-a-bolsonaro-relatorio-da-cpi-e-oficialmente-apresentado#:~:text=Com%20nove%20crimes%20atribu%C3%ADdos%20a%20Bolsonaro%2C%20relat%C3%B3rio%20da%20CPI%20%C3%A9%20oficialmente%20apresentado,-Compartilhe%20este%20conte%C3%BAdo&text=Ap%C3%B3s%20quase%20seis%20meses%20de,relat%C3%B3rio%20%C3%A0%20CPI%20da%20Pandemia>. Acesso em: 27 abr. 2024.

VIGEVANI, Tullo. OLIVEIRA, Marcelo F. CINTRA, Rodrigo. Política externa no período FHC: a busca de autonomia pela integração. Revista Tempo Social, ed. 15, n. 2, nov/2003.

YIN, Robert K. Estudo de Caso: Planejamento e Métodos. trad.: Daniel Grassi. 2ª edição. Porto Alegre: Bookman, 2001.